

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

FERNANDA MATOS DE BORBA

CONFESSIONALIDADE NA ESCOLA: A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E  
EDUCAÇÃO NO PROJETO EDUCATIVO DA REDE MARISTA

São Leopoldo

2014

FERNANDA MATOS DE BORBA

CONFESSIONALIDADE NA ESCOLA: A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E  
EDUCAÇÃO NO PROJETO EDUCATIVO DA REDE MARISTA

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Área de Concentração: Religião e  
Educação

Orientador: Remí Klein

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B726c Borba, Fernanda Matos de  
Confessionalidade na escola: a relação entre  
religião e educação no projeto educativo da Rede  
Marista / Fernanda Matos de Borba ; orientador Remí  
Klein. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.  
96 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de  
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em  
Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Irmãos Maristas – Educação – Brasil. 2. Escolas  
católicas – Educação – Brasil. 3. Igreja católica –  
Educação. I. Klein, Remí. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

## FOLHA DA BANCA

Dedico este trabalho ao meu filho  
Carlos Eduardo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus

pelo dom da vida e pela capacidade de aprender sempre.

À minha família,

pelo apoio, pelo incentivo e pela compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu esposo Vinícius,

pelo amor paciente que tudo crê, tudo espera, tudo suporta...

Aos amigos e colegas do Colégio Marista Pio XII,

pelas oportunidades de partilha, construção e crescimento.

Em especial, aos amigos e colegas do Serviço de Pastoral Escolar,

pela compreensão e pelo incentivo.

À Faculdades EST,

especialmente, ao Programa de Pós-Graduação em Teologia,

e aos seus professores, pela oportunidade de crescimento e aprendizagem.

Ao professor Dr. Remí Klein,

que, com seu conhecimento, sensibilidade e sabedoria, orientou-me neste

trabalho.

À CAPES

pelo apoio financeiro.

FMB.

*Se fosse apenas para ensinar as ciências humanas aos jovens, não haveria necessidade de Irmãos: bastariam os demais professores. Se pretendêssemos ministrar apenas a instrução religiosa, limitar-nos-íamos a ser simples catequistas.*

*O nosso objetivo, contudo, é mais abrangente. Queremos educar as crianças, isto é, instruí-las sobre os seus deveres, ensinar-lhes como praticá-los, infundir-lhes o espírito e os sentimentos do cristianismo, os hábitos religiosos, as virtudes do cristão e do bom cidadão. Para tanto, é preciso que sejamos educadores, vivamos no meio das crianças e que elas permaneçam muito tempo conosco.*

*(São Marcelino Champagnat)*

## RESUMO

A confessionalidade na escola é o tema do presente trabalho, que pretende apresentar uma pesquisa referente à relação entre religião e educação no projeto educativo da Rede Marista de Educação Básica, desvendando influências e evidências de como a confessionalidade católica se caracteriza e perpassa o projeto educacional do Colégio Marista Pio XII, uma das unidades educacionais da Rede Marista, situado em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Para a realização deste estudo, foi feita uma pesquisa bibliográfica documental, acerca dos temas desenvolvidos para a compreensão do assunto, e análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin, como aporte para a construção de categorias para a análise qualitativa. Na pesquisa com os documentos maristas, foram elencadas três categorias de análise: escola confessional, escola em pastoral e escola marista. Dividida em dois capítulos, esta dissertação trata, primeiramente, de conceitos e aspectos relevantes na compreensão da relação entre religião e educação na escola, tais como identidade religiosa, confessionalidade e pluralidade religiosa, educação confessional, ensino religioso, a questão do carisma fundacional nas escolas católicas, sua inserção na sociedade e contribuição na perspectiva da ética. Na segunda parte, encontra-se uma breve explicação sobre a escola confessional católica e a análise dos documentos maristas, de acordo com os objetivos da pesquisa. A partir desse estudo, conclui-se que o Colégio Marista Pio XII manifesta sua confessionalidade católica e marista através de seus documentos, está em consonância com a Igreja Católica e tem claro seu papel missionário e educativo na sociedade.

**Palavras-chave:** Confessionalidade. Educação. Identidade Religiosa.

## ABSTRACT

Confessionality in the school is the theme of this paper which intends to present research with regard to the relation between religion and education in the educational Project of the Marist Basic Education Network, unveiling influences and evidences of how the Catholic confessionality is characterized and permeates the educational project of the Colégio Marista Pio XII, one of the educational units of the Marist Network, situated in Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. To carry out this study a documental bibliographic research was carried out about the themes developed in order to understand the issue and analyze the content, according to Laurence Bardin, as a resource for the construction of categories for qualitative analysis. In the research of the Marist documents three categories of analysis were listed: confessional school, school in ministry and a Marist school. Divided into two chapters, this thesis initially deals with relevant concepts and aspects in the comprehension of the relation between religion and education in the school, such as religious identity, confessionality and religious plurality, confessional education, religious education, the issue of the foundational charisma in Catholic schools, their insertion in society and their contribution to the ethics perspective. In the second part one finds a brief explanation about the Catholic confessional school and the analysis of the Marist documents, according to the goals of the research. Based on this study, the conclusion is that the Colégio Marista Pio XII manifests its Catholic and Marist confessionality through its documents, it is in consonance with the Catholic Church and is very clear about its missionary and educational role in society.

**Keywords:** Confessionality. Education. Religious Identity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 CONFSSIONALIDADE E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA SE ENTENDER ESSA RELAÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1.1 Identidade Religiosa</b> .....	<b>15</b>
1.1.1 <i>Confessionalidade</i> .....	16
1.1.2 <i>Confissão e pluralidade religiosa</i> .....	19
<b>1.2 Religião e educação</b> .....	<b>21</b>
1.2.1 <i>Educação religiosa</i> .....	22
1.2.2 <i>Educação confessional</i> .....	24
1.2.3 <i>Ensino religioso</i> .....	26
<b>1.3 Diferenciais da educação confessional</b> .....	<b>30</b>
1.3.1 <i>Uma questão de carisma</i> .....	31
1.3.2 <i>Um fundador: uma missão partilhada</i> .....	33
<b>1.4 Para além do sonho e da missão na educação</b> .....	<b>36</b>
1.4.1 <i>Educação confessional e sociedade</i> .....	36
1.4.2 <i>Ética e visão de mundo</i> .....	40
<b>2 CONFSSIONALIDADE CATÓLICA NA REDE MARISTA DE EDUCAÇÃO</b> .....	<b>45</b>
<b>2.1 Confessional ou não? Eis a questão!</b> .....	<b>45</b>
2.2.1 <i>Diretrizes em forma de documentos</i> .....	49
2.2.2 <i>Os documentos maristas</i> .....	51
<b>2.2 Escola Confessional Católica</b> .....	<b>55</b>
2.2.1 <i>Escola Confessional Católica e Marista</i> .....	58
<b>2.3 Pastoral Escolar: o “coração” da escola confessional</b> .....	<b>65</b>
2.3.1 <i>Escola Marista em Pastoral</i> .....	69
<b>2.4 Escola Marista com Identidade Marista</b> .....	<b>77</b>
2.4.1 <i>“Marista em todos os sentidos”</i> .....	81
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>93</b>
<b>ANEXO I - MAPA PARA PERCORRER O PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA</b> .....	<b>97</b>
<b>ANEXO II - CAMINHOS DE CHAMPAGNAT E DO INSTITUTO MARISTA</b> .....	<b>99</b>
<b>ANEXO III - CAMPANHA FICA 2014</b> .....	<b>101</b>



## INTRODUÇÃO

A confessionalidade na educação é o objeto central dessa dissertação, que pretende identificar evidências da identidade religiosa e da confessionalidade católica no projeto da Rede Marista de Educação Básica, através da análise dos documentos que consistem em diretrizes para a ação pedagógica e pastoral, bem como averiguar e apresentar a influência dessa confessionalidade na proposta educativa do Colégio Marista Pio XII, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul (RS).

Dentre as redes escolares de educação confessional existentes, optei por pesquisar a relação entre religião e educação, na perspectiva da confessionalidade da escola, a partir do Projeto Educativo do Brasil Marista. Por ser um projeto atual e em fase de implementação real, oferece condições de estudo para os fins desta pesquisa. Além deste, outros documentos importantes foram elencados: as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Marista do RS (2010-2017), que orienta todas as unidades maristas do RS, mais o Plano de Pastoral 2014 e o Regimento Escolar, que são documentos específicos de cada unidade de ensino marista. Nesse caso, foram analisados os do Colégio Marista Pio XII de Novo Hamburgo, RS, onde atuo como educadora e agente pastoral desde fevereiro de 2012.

Minha inserção recente na escola, praticamente no início dessa pesquisa, favoreceu meu olhar diante do objeto de estudo: de um lado, foi possível acompanhar a caminhada da escola na implementação do novo projeto educativo; no estudo e na efetivação das diretrizes da ação evangelizadora; na elaboração do plano pastoral e no estudo do novo regimento escolar. De outro lado, no entanto, por integrar a escola há tão pouco tempo, consegui manter o distanciamento necessário para realizar uma análise segura e comprometida com a metodologia assumida.

Como opção metodológica para este estudo, apresento uma reflexão baseada em pesquisa bibliográfica documental, acerca dos temas desenvolvidos para a compreensão do assunto, e análise de conteúdo que, segundo Laurence Bardin, oferece “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 42.

sendo importante aporte para a construção de categorias para essa análise qualitativa.

Na pesquisa com os documentos maristas, determinei três categorias de análise: escola confessional, escola em pastoral e escola marista. Busquei “considerar a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento da mensagem”<sup>2</sup>, já que a análise por categorias temáticas pretende encontrar significações por meio de indicadores que possibilitem a apreensão da mensagem que é relevante para a compreensão do conteúdo.

Dessa forma, ao realizar esse estudo, levei em consideração a sua importância para se compreender o papel das instituições de ensino confessional na formação humana e religiosa dos estudantes e as implicações da confissão no projeto educativo da escola.

Identificar como a confessionalidade norteia o trabalho da instituição e como sua identidade é expressa e sentida, favorece, entre outros aspectos, a reflexão, o planejamento, a organização e a autoavaliação das instituições confessionais sobre o quanto sua identidade religiosa influencia e perpassa as práticas pedagógicas, sua relevância no cenário educacional e na transformação da sociedade.

Além disso, grande é o interesse atual pela relação educação e confessionalidade religiosa, uma vez que, não raro, surgem diversos debates sobre a importância, a necessidade ou mesmo a finalidade de escolas confessionais no sistema de ensino, especialmente entre aqueles que defendem uma educação laica. Nesse sentido, entender o papel da escola confessional e como esta atende seu público com seu projeto contribui com a comunidade acadêmica no que se refere à compreensão da educação confessional, principalmente católica, e ao suprimento de referências para pensar e fazer uma educação eficiente nos seus propósitos.

À Rede Marista, a pesquisa contribui com novos olhares diante da educação confessional a que a instituição se propõe, além de analisar, avaliar e oferecer propostas com base em estudos, diante da inauguração de uma nova fase no processo de amadurecimento desta Rede, em especial, em Novo Hamburgo, RS.

---

<sup>2</sup> LIMA, Maria Alice Dias da Silva. Análise de conteúdo: estudo e aplicação. *Logos Revista de Divulgação Científica da Ulbra*, Canoas, RS. v. 5, n. 1, 1993. p. 53-58.

O presente trabalho foi escrito em dois capítulos. O primeiro, “Confessionalidade e escola: contribuições para se entender essa relação”, apresenta um estudo de conceitos e aspectos relevantes na compreensão da relação entre religião e educação na escola, tais como identidade religiosa, confessionalidade e pluralidade religiosa, educação confessional, ensino religioso, a questão do carisma fundacional nas escolas católicas, sua inserção na sociedade e contribuição na perspectiva da ética.

O segundo capítulo, “Confessionalidade católica na Rede Marista de Educação”, traz uma breve explicação sobre a escola confessional católica e a análise dos documentos maristas, primeiro apresentando-os ao leitor, para depois compartilhar a análise realizada de acordo com as categorias elencadas: iniciando pela escola confessional católica, em seguida, a escola em pastoral e, por fim, a escola marista.

A partir desta dissertação sobre a educação confessional e, em particular, da instituição de ensino cristã católica, segue uma contribuição sobre o que podemos esperar desses espaços de aprendizagem e de fé ou, por que não dizer, de aprendizagem da fé: fé na vida, fé na pessoa<sup>3</sup>, fé no que virá!<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Aqui, o termo pessoa refere-se ao ser humano, independente de gênero como garante o Código Civil brasileiro. Por isso o termo “homem” foi substituído, propositalmente, no trecho da música.

<sup>4</sup> Referência à música *Semente do Amanhã*, do compositor Gonzaguinha.



## **1 CONFSSIONALIDADE E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA SE ENTENDER ESSA RELAÇÃO**

Este primeiro capítulo abordará temas relevantes na compreensão da relação entre confessionalidade e educação, de modo a elucidar como se dá a interferência da religiosidade em escolas confessionais, especialmente, em escolas católicas. Para ser entendida, a escola confessional precisa ser pensada a partir de sua identidade, sua relação com a pluralidade, sua missão e sua inserção na sociedade, deixando transparecer seu papel na educação das crianças e jovens e tendo clareza de conceitos tais como educação confessional, educação religiosa e ensino religioso.

### **1.1 Identidade Religiosa**

A identidade religiosa de pessoas e instituições está presente nos diversos âmbitos da sociedade, em diferentes graus. Na escola não é diferente e estas identidades são evidenciadas por diversos fenômenos religiosos e manifestações de fé.

Para se entender o conceito de identidade religiosa, é importante pensarmos sobre o que entendemos por “identidade”. Stefano Zamagni explica que pode haver duas interpretações para esse conceito: “podemos interpretá-la como algo recebido do passado, como uma espécie de herança que ganhamos do passado” ou, então, vê-la “como algo escolhido livremente e que se encontra sob a necessidade constante de atualização”.<sup>5</sup>

Quando pensamos na identidade religiosa a partir da primeira concepção, corremos o risco de deixar o conservadorismo imperar, concebendo o conhecimento, os ritos e as cosmovisões herdadas da mesma forma como foram aprendidas, isto é, sem permitir a possibilidade de ampliar o conhecimento e a reflexão dos atos relativos à identidade, banindo da experiência religiosa a criatividade e a novidade.

Situações em que a identidade religiosa significa manter e salvaguardar tradições herdadas costumam trazer imposições àqueles que são educados a dar

---

<sup>5</sup> ZAMAGNI, Stefano. A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade. In: *Cadernos IHU Ideias*, ano 11, n. 185. São Leopoldo, 2013. p. 3.

continuidade a estas tradições. O julgamento diante de novas ideias e formas de interpretar a tradição pode tornar-se negativo e limitar o pensamento daqueles que a mantêm. Um exemplo a se refletir é o de instituições confessionais religiosas que, mesmo existindo para produzir conhecimento, como é o caso das escolas e universidades, não aceitam refletir e autoavaliar sua identidade e os reflexos da mesma em sua missão.

Assim, entendemos que melhor seria se pudessemos trabalhar somente com a segunda interpretação sugerida por Zamagni. De acordo com ela, a identidade religiosa da pessoa é aquela que lhe “veste” melhor, que foi escolhida e, se o foi pelos seus familiares, foi assumida como dimensão integrante do indivíduo, capaz de gerar pensamentos novos e repensar sobre o que pode vir a se tornar obsoleto ou o que permanece essencial na sua denominação religiosa, diante das realidades que se apresentam.

No entanto, acima destas distinções, é importante compreendermos a identidade religiosa como um equilíbrio entre o “pensamento que calcula” e “o pensamento que pensa”, segundo Zamagni.<sup>6</sup> É preciso unirmos o que herdamos de nossos antepassados com a capacidade de ler o mundo que nos cerca e atualizar as formas de viver a religiosidade que nos foi passada. Dessa forma, fazemos com que aquilo que realmente importa seja a essência da nossa crença, isto é, nossa identidade religiosa.

### *1.1.1 Confessionalidade*

Assumir uma identidade religiosa é o que se espera de um espaço<sup>7</sup> dito confessional. Neste espaço presume-se que os indivíduos que o ocupam compartilhem de uma identidade religiosa comum e atuem segundo os princípios, valores e ações que formam sua identidade. Assim, a confessionalidade de um espaço faz-se a partir da identidade religiosa admitida e compartilhada.

Torna-se importante, então, entendermos a questão da confessionalidade, palavra que nos remete à confissão de uma verdade, ao se admitir ou assumir algo. Inez Augusto Borges esclarece que:

---

<sup>6</sup> ZAMAGNI, 2013, p. 11.

<sup>7</sup> Utiliza-se, aqui, a palavra espaço com um significado amplo, compreendendo tanto espaços físicos, sociais, privados e institucionais, entre outras categorias relevantes.

Na primeira versão grega da Bíblia Hebraica (a chamada Septuaginta ou versão dos Setenta), a palavra grega *homologeó* é utilizada no sentido de “confessar”, “declarar”, “louvar”, “estar de acordo”, “dizer a mesma coisa”, “consentir” e “prometer”. Ainda de acordo com a fonte citada, é possível que o emprego em contextos religiosos derive, primariamente, de seu uso nas linguagens das alianças, dos tratados e dos tribunais, evidenciando atitude de comprometimento solene e, muitas vezes, irrevogável.<sup>8</sup>

Segundo Borges,<sup>9</sup> no Novo Testamento, a palavra confessionalidade apresenta o significado de “confessar abertamente”, “declarar publicamente”, “confessar com juramento”, além de ser entendida através do sinônimo “professar”, sugerindo que aquele que professa assume uma postura, confessa um fato e suas consequências. Na Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios (II Cor 9,13), por exemplo, quando a Igreja Cristã se formava, vemos como a confissão é considerada tanto pelas palavras, quanto pelas ações, sendo a última prova da confissão verdadeira: “Tal serviço será para eles uma prova; e eles agradecerão a Deus pela obediência que vocês professam ao Evangelho de Cristo e pela generosidade com que vocês repartem os bens com eles e com todos.”<sup>10</sup>

Provar a confissão de fé através de palavras e ações, de forma que seja explicitada a identidade religiosa, torna-se importante quando se considera o que diz São Paulo na carta aos Romanos: “Pois se você confessa com sua boca que Jesus é o Senhor, e acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo. É acreditando de coração que se obtém a justiça, e é confessando com a boca que se chega à salvação.” (Rm 10,9-10). Pelo texto bíblico, aquele que confessar sua fé, obterá a salvação, visto que não é suficiente apenas ter e guardar sua fé, pois, como aparece nos Evangelhos, aquele que confessar Cristo diante de todos será também confessado pelo próprio Cristo diante de Deus (Mt 10, 32; Lc 12,8).

O compromisso de confessar sua fé, bem como a ideologia ou a filosofia que foi escolhida como norteadora de vida, impulsiona a criação de espaços confessionais que, inclusive, não confessam apenas as tradições cristãs históricas, mas também outras tradições, tais como o espiritismo e o budismo, como é o caso

---

<sup>8</sup> BORGES, Inez Augusto. *Confessionalidade e Construção Ética na Universidade*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2008. p. 30.

<sup>9</sup> BORGES, 2008, p. 31.

<sup>10</sup> Todas as citações bíblicas são da versão: BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

da Escola de Educação Infantil Caminho do Meio<sup>11</sup>, fundada em 2009 e localizada em Viamão, Rio Grande do Sul. A escola segue os parâmetros curriculares estabelecidos pelo MEC, tendo sua matriz curricular integrada à educação budista. Este é apenas um exemplo de uma instituição que nasceu da necessidade de se fazer a educação aliada à necessidade de confessar às novas gerações os benefícios que a fé proveniente de determinada tradição religiosa representa para aqueles que assumem vivê-la e multiplicá-la:

A Escola Infantil Caminho do Meio nasceu do sonho auspicioso do Lama Padma Samten de oferecer uma educação voltada à lucidez e ação vitoriosa no mundo. Foi pensada como um espaço de desenvolvimento humano, que possibilite os meios hábeis para desenvolver crianças, famílias, educadores e comunidade em geral, auxiliando-os na busca pela felicidade.<sup>12</sup>

Especificamente no caso da educação cristã, Gustavo Alvin explica que manifestar a confessionalidade em todos os aspectos da vida é uma atitude básica do cristão: “A confessionalidade é parte essencial do cristão, do seu ser, e, portanto, está presente onde ele estiver, inclusive na escola, na educação, mesmo que se apresente de diferentes maneiras e que dependa de cada situação.”<sup>13</sup>

A confessionalidade, no entanto, não deve servir para fechar a escola em si mesma, mas, sim, proporcionar que esta interaja com o meio em que está inserida, dialogando a partir de seus princípios para um mútuo enriquecimento com a atualidade, com o diferente. Segundo Borges,

Deve, contudo, aspirar a horizontes amplos, sem temor de colaborar abertamente com outras organizações e entidades também comprometidas com a educação ou de confrontar sua visão de mundo com os mais diversos assuntos como cidadania, ecologia, direito, saúde, economia ou quaisquer outros, pois não se deve ter medo de pensar ou receio de que os outros pensem.<sup>14</sup>

Nessa perspectiva, um espaço confessional não pode (e não deve) ignorar a pluralidade religiosa que o cerca ou, mesmo, que o compõe, visto que, no caso das

---

<sup>11</sup> Informações sobre a escola podem ser obtidas através do site da instituição. Disponível em: <<http://institutocaminhodomeio.org.br/sobre-o-instituto-caminho-do-meio/>>. Acesso em: 14 out. 2013.

<sup>12</sup> Identificação que consta na opção “*Quem somos*” no site da instituição. Disponível em: <<http://institutocaminhodomeio.org.br/equipe-da-escola/>>. Acesso em: 14 out. 2013.

<sup>13</sup> ALVIN, Gustavo. *Confessionalidade e autonomia universitária*. 2. ed. Piracicaba, SP: Unimep, 1995. p.78. apud BORGES, 2008, p. 36.

<sup>14</sup> BORGES, 2008, p. 36.

escolas confessionais, o público que as frequenta, comumente, é composto por pessoas também de outras denominações religiosas, diferentes da que a instituição confessa.

### *1.1.2 Confissão e pluralidade religiosa*

Em uma primeira impressão, parece não “combinar” tratar de confessionalidade e pluralidade religiosa ao mesmo tempo. Mas só parece. À medida que refletimos sobre a confessionalidade, consideramos que a pluralidade de confissões religiosas é imensa.

O que muitos chamam de desafio pode ser encarado como uma oportunidade para agir segundo a própria confessionalidade. Ao entrarmos em contato com líderes religiosos das mais diversas tradições, poderemos chegar à conclusão de que as religiões, no geral, compartilham de valores que significam cuidar e acolher a todos que nos cercam. De acordo com essa premissa, um espaço confessional ou uma pessoa que confessa uma determinada crença poderia sentir-se totalmente confortável ao deparar-se com alguém que possui uma crença diferente. Isto porque o princípio de que o transcendente, em suas mais variadas expressões, quer que espalhemos o bem, deveria imperar diante de qualquer motivo de intolerância.

No entanto, historicamente, a maneira encontrada para legitimar uma crença religiosa e melhor confessar a fé baseou-se nas diferenças entre as tradições e no julgamento maniqueísta que excluía e “endemonizava” o diferente ou o não crente. Assim, até os dias de hoje, podemos ver verdadeiros julgamentos de valor entre as religiões em discursos fundamentalistas preocupados em difundir proselitismos.

É importante refletirmos sobre as relações existentes entre a confessionalidade e a pluralidade religiosa, visto que a ação de confessar uma crença se concretiza em meio a essa pluralidade. Faustino Teixeira explica que as identidades religiosas podem reagir de formas diferentes diante deste mundo “plural e globalizado”, decidindo avançar em seu propósito de fraternidade ou fechando-se em suas doutrinas:

No mundo plural e globalizado, as identidades religiosas nem sempre reagem de forma semelhante: há aquelas que buscam uma “negociação cognitiva” com o novo tempo e apostam na possibilidade do diálogo; mas há

também aquelas que sentem acuadas e sem defesas, em face do pluralismo vislumbrado como inorgânico. Em casos concretos, podem tornar-se “identidades mortíferas”, firmadas na “violência da convicção”. É aqui que entra a importância essencial do diálogo inter-religioso como possibilidade concreta de “gerenciamento das identidades”, de inovadora regulação das identidades crentes<sup>15</sup> e de estabelecimento de um possível canal de reciprocidade, no respeito às singularidades particulares.<sup>16</sup>

A proposta do diálogo inter-religioso pode ser acolhida pelas diversas tradições sem que isso signifique alguma perda para sua identidade religiosa, pelo contrário,

Para os que acreditam no diálogo, as distinções religiosas não significam, necessariamente, uma ameaça, mas uma possibilidade plausível de enriquecimento recíproco se houver um desbloqueio de mentalidades e disponibilidade para a escuta deste outro universo.<sup>17</sup>

Considerando um espaço confessional como um espaço que expressa uma identidade religiosa fundamentada na ética e na paz, é perfeitamente plausível ou, melhor, necessário desenvolver uma cultura de diálogo, já que é “na relação com o *tu* que o sujeito constrói, aperfeiçoa e expande a sua identidade”<sup>18</sup>, sendo o diálogo inter-religioso uma forma de relação “positiva e construtiva com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento”.<sup>19</sup>

Engana-se quem nutre a ideia de que, através do contato com uma confessionalidade diferente, alguém possa perder sua identidade religiosa ou sua fé. O diálogo inter-religioso real “ocorre entre fiéis que estão enraizados e compromissados com sua própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado da diferença”<sup>20</sup>, isto é, pessoas fiéis à missão inerente à sua confessionalidade, que colocam em prática os princípios essenciais de sua religião através da relação dialógica, fraterna e amorosa com o próximo.

---

<sup>15</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Le pèlerin et Le converti: la religion em movement*. Paris: Flamaron, 1999. p. 260-261. Apud: TEIXEIRA, Faustino. *Diálogo Inter-Religioso e Educação para a alteridade*. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva et al. (Orgs.) *Religião Cultura e Educação*. Coleção Humanitas. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. p. 30.

<sup>16</sup> TEIXEIRA, 2006, p. 30.

<sup>17</sup> TEIXEIRA, 2006, p. 31.

<sup>18</sup> TEIXEIRA, 2006, p. 31.

<sup>19</sup> TEIXEIRA, 2006, p. 31.

<sup>20</sup> TEIXEIRA, 2006, p. 31.

## 1.2 Religião e educação

O objetivo maior da educação é sempre a realização da vida humana<sup>21</sup>, “por isso, como bem registrado nos parâmetros curriculares, precisa-se colocar a religião no âmbito da formação do ser humano e do ser cidadão”<sup>22</sup>, já que não há como desvincular a religiosidade da formação integral do indivíduo, bem como não é possível excluir a religião da escola, mesmo não sendo esta uma instituição confessional.

Entendemos que não é possível fazer educação sem

[...] exalar nossas convicções, nossa postura existencial, nossa visão de mundo. Nem poderia ser diferente e a educação consiste nisso mesmo, numa influência amorosa, exercida com consciência, com respeito pelo outro, mas sempre uma influência. Por isso, é muito mais honesto discutirmos que tipo de convicções e posturas deixaremos como marca em nossos alunos, do que nos arrogarmos uma pretensa neutralidade.<sup>23</sup>

A religião na escola, não raras vezes, é vista como proselitismo, doutrinação e ideologia, o que fere o princípio de liberdade dos educandos. Esta visão justifica-se, em muito, pela bagagem histórica que a relação de religião e educação carrega desde as primeiras escolas formais confessionais, em uma época na qual o Estado entregava para a Igreja a tarefa de educar as crianças e os jovens.

Embora este “ranço” histórico ainda exista, os estudos teológicos, a compreensão ampla do fenômeno religioso e a própria maturidade das tradições religiosas diante de seu papel na educação têm favorecido uma nova relação entre religião e educação, considerando o ser humano como um ser que não cabe em si<sup>24</sup>, um ser voltado à transcendência, inquieto com suas questões existenciais e movido pela fé.<sup>25</sup>

Quando nos perguntamos por que a religião na educação ou a educação na religião (como nas instituições confessionais), poderíamos encontrar uma boa

---

<sup>21</sup> STRECK, Danilo R. Educação e argumentos de transcendência. In.: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva et al. (Orgs.) *Religião Cultura e Educação*. Coleção Humanitas. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. p. 140.

<sup>22</sup> STRECK, 2006, p.140.

<sup>23</sup> INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro Cesar. O ensino inter-religioso, como fazer? *Revista Mirandum*, Ano VIII - N. 15, 2004. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand15/dora.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

<sup>24</sup> STRECK, 2006, p. 147.

<sup>25</sup> FOWLER, James W. *Estágios da Fé: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 16.

resposta na reflexão de Danilo Streck ao perguntar a quem interessaria uma educação que compreende a perspectiva da transcendência:

Arrola-se as seguintes hipóteses; [interessaria] a estados e sociedades radicalmente democráticas, que queiram cidadãos e cidadãs com capacidade de *pro-testar*<sup>26</sup> e que vêem a história como possibilidade; a instituições religiosas mais interessadas na qualidade de fé sobre a Terra do que no apascento de seu rebanho; a pais e professores que acreditam que a *dimensão galinha*<sup>27</sup> não dá conta, talvez, da melhor parte da vida humana; a crianças, jovens e adultos que se sabem incompletos e vêem nessa incompletude a razão para ser mais *gente*.<sup>28 29</sup>

A partir da importância de se abordar a religiosidade na escola, tanto no sentido de proporcionar o desenvolvimento cognitivo, moral e de fé, quanto no sentido de manter viva uma identidade religiosa – ao mesmo tempo em que se acolhe e se relaciona com outras identidades – vamos refletir sobre a distinção entre educação religiosa, educação confessional e ensino religioso.

### 1.2.1 Educação religiosa

A educação, em sua primeira manifestação, na infância, junto da família, presume descobertas diárias sobre o modo de ser, agir, sentir e se comunicar com o mundo. Nestas descobertas, inclui-se a cultura vivida pela família e sua identidade religiosa. Pela convivência, as crianças são levadas a experimentar uma manifestação religiosa, ou, mesmo, a repelir essa expressão. Inez Augusto Borges explica que

[...] mesmo em épocas mais remotas, quando todo o ensino parece restringir-se a questões ligadas à sobrevivência, como o plantio e a colheita, a construção da moradia ou a utilização da água ou do fogo, tais questões não estão, de modo algum, desvinculadas da religiosidade. Pelo contrário, nas civilizações antigas a religião ou a magia e o misticismo determinavam praticamente todos os demais aspectos da vida humana. Portanto, ao serem transmitidos os ensinamentos relativos aos aspectos práticos da vida

<sup>26</sup> Grifo do autor. Forma de destacar o sentido de protestar, colocando-se contra situações que impedem o desenvolvimento de enfrentar as incertezas e evoluir na transcendência. (BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 22.).

<sup>27</sup> Grifo do autor. Refere-se à metáfora apresentada por Leonardo Boff (BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 103.) em que a galinha representa a realidade, o concreto, o possível; ao contrário da águia que representa a utopia, o subjetivo e o impossível.

<sup>28</sup> Grifo do autor. O próprio autor explica, em nota, que utiliza a palavra gente no sentido freireano de proximidade e de integralidade (FREIRE, Paulo (1921-1997). *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 66.).

<sup>29</sup> STRECK, 2006, p. 154.

primitiva transmitia-se, igualmente, o ensino religioso, pois eram temas interdependentes.<sup>30</sup>

Sendo a religiosidade da família e da comunidade, ainda hoje, inerente a todo modo de viver e, por isso, parte indissociável da cultura do grupo no qual a criança nasce e se desenvolve, a educação religiosa faz-se em meio a uma educação informal transmitida pelo meio em que se vive. Borges salienta que é

[...] dentro desse processo de formação cultural que o indivíduo desenvolve capacidades necessárias para transformar a própria cultura. A educação, portanto, ao longo de toda a sua história, liga-se a diferentes “confissões” que os seres humanos fazem de si mesmo e sobre as formas de experienciar a natureza que os cerca e as relações intergrupais das quais participam. Ora, o aspecto religioso constitui parte preponderante na formação das culturas através dos tempos e, portanto, esteve continuamente associado ao processo educativo.<sup>31</sup>

A educação religiosa, como compreendemos, é assumida pela família, em primeiro lugar, e, em certo momento, pela Igreja, através de seus mecanismos de educação doutrinal, tais como a catequese e outros movimentos.

O Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), em *newsletter* do dia 20 de julho de 2013, propõe denominar Educação Religiosa as aulas de instituições confessionais que tenham o “objetivo de explicitar um processo formativo que garanta o conhecimento dos princípios religiosos – doutrinários [...] sendo que a estrutura disciplinar estaria vinculada a um sério trabalho teológico – revelação”.<sup>32</sup> O GPER ainda sugere que os profissionais sejam orientados sobre este componente e que a Teologia Prática dê o embasamento para as aulas. Ao contrário, o ensino religioso (que segundo a proposta poderia mais tarde se chamar Cultura Religiosa) teria sua estrutura vinculada aos estudos do conhecimento científico das Ciências da Religião.

Este, com certeza, é um novo olhar diante da educação religiosa, que poderá ser ainda muito estudado e discutido, mas, na perspectiva deste estudo, a ideia de educação religiosa levantada pelo GPER invade outra importante face da educação relacionada com a religião: a educação confessional, que não,

---

<sup>30</sup> BORGES, Inez Augusto. *Educação e personalidade: a dimensão sócio-histórica da educação cristã*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002. p. 28.

<sup>31</sup> BORGES, 2008, p. 38

<sup>32</sup> GPER. Newsletter, n. 421, ano 9, de 20 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.gper.com.br/newsletter.php?id=348>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

necessariamente, pretende doutrinar, tampouco conquistar um componente curricular para si.

Partindo da reflexão inicial sobre a educação religiosa acontecer a partir das experiências familiares e comunitárias, de forma informal ou desvinculada da instituição escolar, procuraremos diferenciar este conceito do conceito de educação confessional.

### 1.2.2 Educação confessional

Os termos educação confessional e educação religiosa podem ser encontrados em alguns escritos como sinônimos, referindo-se a uma educação doutrinal. Acreditamos que os dois conceitos podem se cruzar quando o objetivo é viver a religiosidade de uma tradição religiosa, no entanto, é possível distinguir o papel de cada um.

A educação confessional, promovida por uma instituição confessional de educação, prevê que o todo da escola – a começar pelo seu projeto educativo – seja orientado pelos valores da tradição religiosa e do carisma religioso professados pela instituição, mais especificamente, pela ordem religiosa que a mantém, afinal, “o que se confessa ou professa é aquilo em que se acredita ou se deve acreditar. Portanto, convicção é a base a partir da qual se pode falar de uma educação confessional em sentido amplo”.<sup>33</sup>

A confessionalidade está presente em todo o fazer pedagógico da instituição, desde atividades e eventos extraclasse, até orações em sala de aula e abordagens, em todos os componentes curriculares, de temas transversais que ensinam valores religiosos. Esta instituição confessa, publicamente, uma fé comum através da educação, para pessoas de uma comunidade mais ampla que aquela que compõe a Igreja.

O fato de a educação confessional oferecer espaço de liberdade e diálogo e ser compreendida como fator dinâmico de vida<sup>34</sup> faz com que as pessoas sejam

---

<sup>33</sup> NASCIMENTO, Amós. Reflexões preliminares sobre educação e confessionalidade. *Revista Educação e Missão*, São Paulo, n.1, 2003. p. 37.

<sup>34</sup> ALVES, Vicente de Paulo. *A Universidade Católica de Brasília: práticas de ensino nas disciplinas de formação humana nas universidades confessionais*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003 *apud* BORGES, 2008. p. 37.

conclamadas a viverem os valores institucionais e fazerem parte das manifestações religiosas confessionais. Ao mesmo tempo, têm a possibilidade de manifestarem uma crença diferente e, através da troca e da soma de saberes, crescerem em espiritualidade e ética.

No geral, a educação confessional “está no ar” da instituição educacional; todos respiram de seus valores e princípios. Toda ação e todo projeto passam pelo crivo da confissão religiosa, isto é, o empenho está em atitudes que defendam a vida, que combatam o que destrói a relação entre o Transcendente – Deus – e a humanidade. Na escola confessional,

A confessionalidade não pode expressar-se apenas nas matérias de formação humana, ou nas demais instâncias, ou nos eventos nos quais se torna esperada a sua expressão, devendo estar presente como parte significativa do processo educacional que visa à formação do cidadão participativo, a educação para a decisão e para a responsabilidade social e política.<sup>35</sup>

Podemos dizer que, além de seus pressupostos, métodos e teorias educacionais, normalmente as mais modernas e aliadas à tecnologia, a escola confessional possui sua identidade religiosa que a identifica e fortalece, mais ainda, que norteia sua missão.

Com o surgimento do Iluminismo e a crescente busca pela separação entre ciência e religião, acentuadamente no mundo ocidental, cresceu também a suspeita de alguns educadores no que concerne à relação entre educação e confessionalidade, pelo menos a confessionalidade religiosa. Entretanto, todas as demais práticas educativas continuaram “confessando” certos “valores” e certas “crenças” em relação ao ser humano, à natureza e ao universo em geral.<sup>36</sup>

Inez Augusto Borges explica que privilegiar o aspecto intelectual puramente pode ser considerado um exemplo de “confissão”, professando que a dimensão religiosa do ser humano é maléfica para sua evolução ou sinal de ignorância, por exemplo.

Nesse sentido, a Idade Moderna pode ser compreendida como um período caracterizado por uma educação que confessava a razão como o ser supremo. Tal confissão não aconteceu apenas dentro das instituições educacionais “laicas”. Pelo contrário, a desvinculação entre a razão e a fé, o saber e o sentir, ou o sentir e o pensar foi e ainda é pregada,

---

<sup>35</sup> BORGES, 2008, p. 37.

<sup>36</sup> BORGES, 2008, p. 39.

metodologicamente, desde os primeiros anos escolares, mesmo em muitas instituições ditas confessionais de cunho religioso e cristão.<sup>37</sup>

A valorização da religiosidade e da cultura religiosa vem sendo resgatada, tanto em escolas confessionais, quanto em escolas públicas “laicas”, através do ensino religioso, área de conhecimento<sup>38</sup> que contribui como todas as outras para a formação plena do cidadão.

### 1.2.3 Ensino religioso

O ensino religioso, até os dias atuais, busca sua dissociação da educação religiosa e confessional. Isso porque sua proposta é outra: não compreende uma proposta de fé, mas é um espaço para estudar, refletir e viver a religiosidade em meio à diversidade. Dessa forma,

[...] não é função da escola assegurar a ‘catequese’, mas possibilitar o conhecimento do fenômeno religioso, que é universal e se apresenta de diferentes formas culturais e religiosas. Esse conhecimento pode servir de impulso para firmar relações de respeito mútuo diante de uma rica diversidade.<sup>39</sup>

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/96, atualizada na Lei 9.475 de 22.7.1997), art.33, o ensino religioso é incluído no currículo escolar com matrícula facultativa, mas é assumido como “parte integrante da formação básica do cidadão”, além de assegurar o “respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil”, vedando quaisquer formas de proselitismo. Além disso, esta Lei expressa que “os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores”.<sup>40</sup>

Ao analisarmos a Lei 9475/97, considerando ainda que ela prevê que a “entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas”<sup>41</sup> deverá ser ouvida para se definir os conteúdos do ensino religioso, percebemos o quanto a

---

<sup>37</sup> BORGES, 2008, p. 42.

<sup>38</sup> Resolução CNE/CEB nº 2/98 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010.

<sup>39</sup> WITT, Maria Dirlane, PONICK, Edson (Coords.). *Dinâmicas para o Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 5.

<sup>40</sup> PLANALTO. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em: 17 out. 2013.

<sup>41</sup> PLANALTO. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9475.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm) Acesso em: 17 out. 2013.

legislação precisa avançar no sentido de reconhecer o ensino religioso enquanto ciência humana, objeto de estudo de muitos pesquisadores, entre teólogos e cientistas da religião. Isso significa não somente ouvir representações das denominações religiosas, o que é muito importante, mas, também, confiar a professores, especialistas e estudiosos do assunto o compromisso de elaborar a matriz curricular da instituição ou rede de ensino de modo que esta seja embasada na perspectiva real do ensino religioso. Esse compromisso com o componente curricular demandaria, ainda, a admissão de professores com qualificação específica na área de Teologia, Ciências da Religião ou propriamente no ensino religioso, considerando que há licenciaturas nesta área em alguns estados do país.

O objeto de estudo do ensino religioso é o fenômeno religioso, ou seja, “os sinais e expressões da religiosidade humana na cultura e na sociedade”.<sup>42</sup> O estudo deste componente não exclui a educação religiosa constituída no ambiente familiar e comunitário, tampouco a religiosidade confessada pela instituição, mas garante conhecimentos e reflexões através do

[...] estudo sistemático da religião, ou seja, das expressões culturais da religiosidade humana, em todas as suas dimensões, formas, conteúdos, práticas, significações. Por isso, a sua estrutura é multidisciplinar. Diferentes disciplinas, como Sociologia, Antropologia, História, Geografia, Filosofia, Psicologia, dentre outras, auxiliam na abordagem e compreensão desse fenômeno universal, presente nas diferentes culturas, desde os primórdios da humanidade.<sup>43</sup>

Estudar o fenômeno religioso e a religiosidade nas diferentes culturas é um direito do educando, “a fim de que ele tenha garantida uma educação relacionada à sua dimensão transcendental”.<sup>44</sup> É importante que ele tenha acesso ao conhecimento acerca das religiões, aproximando as culturas umas das outras e ajudando-o a encontrar sentido para sua vida, através do desenvolvimento da espiritualidade, alteridade e autoconhecimento, já que

A relação com o Transcendente é uma necessidade inerente ao ser humano e se manifesta em todas as culturas, como busca de respostas às questões mais profundas da existência: Quem sou? De onde vim? Para onde vou?

---

<sup>42</sup> CARNIATTO, Maria Inês. *Nossa Opção Religiosa*: 9º ano, professor. – rev. e ampl. Coleção Ensino Religioso Fundamental. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 7.

<sup>43</sup> CARNIATTO, 2010, p. 9.

<sup>44</sup> POZZER, Adecir. Concepção de ensino Religioso no FONAPER. In: POZZER, Adecir et al (Orgs.) *Diversidade Religiosa e Ensino Religioso no Brasil*: memórias, propostas e desafios – Obra comemorativa aos 15 anos do FONAPER. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010. p. 85.

Nesse sentido, as aulas de Ensino Religioso são importantes espaços de aprendizagem da convivência humana.<sup>45</sup>

Na década de 1990, quando a Educação Básica foi reformulada e foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), através do Ministério da Educação (MEC), o ensino religioso não foi contemplado com tal documento. Apenas em meados de 1996 e 1997 o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER)<sup>46</sup> formulou os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER) a partir da Lei 9475/97 que alterou o art. 33 da LDB.

Os PCNER foram uma importante contribuição para o fortalecimento deste componente como área de conhecimento de fundamental importância na educação de crianças e jovens, tanto em escolas confessionais como em escolas laicas, principalmente, escolas públicas. No entanto, sabemos que são muitos os desafios e entraves para que esta proposta se torne realidade em todas as escolas brasileiras. Remí Klein, ao ressaltar aspectos que caracterizam desafios para a área do ensino religioso, destaca que

[...] todos os caminhos e todas as alternativas de formação inicial e continuada de professores de ensino religioso são legítimos, importantes, válidos e necessários, porém, o único caminho que, de fato, habilita para o Ensino Religioso é a licenciatura. Isso queremos e precisamos reivindicar junto aos sistemas de ensino para assegurar aos professores de ensino religioso uma igualdade de condições com as demais áreas do conhecimento.<sup>47</sup>

Principalmente quando torna-se comum encontrarmos escolas que negligenciam este componente curricular, não se importando com a qualificação do profissional responsável pelas aulas e colocando professores (as) de outras áreas para ministrá-las.

É perceptível, neste caso, que se abrem brechas para que o ensino religioso seja confundido com a educação religiosa e com a educação confessional. Uma vez que o/a professor/a não tem domínio dos conteúdos da disciplina, ou pior, não tem conhecimento do que se trata e de seus reais objetivos, há o risco do/a professor/a

---

<sup>45</sup> WITT, PONICK, 2008, p. 5.

<sup>46</sup> Foi criado em 1995 como um espaço de discussão e de liderança das ações em torno da regulamentação e implantação do Ensino Religioso no Brasil.

<sup>47</sup> KLEIN, Remí. O Ensino Religioso no Brasil sob um olhar do FONAPER: passos e impasses. In: WACHS, Manfredo Carlos et al (Orgs.) *Ensino Religioso: Religiosidades e práticas educativas*. VII Simpósio de Ensino Religioso da Faculdade EST e I Seminário Estadual de Ensino Religioso do CONER/RS. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010. p. 42.

socorrer-se em sua própria cultura religiosa (educação religiosa) e utilizar métodos catequéticos e proselitistas ou utilizar-se de recursos oferecidos pela escola enquanto pastoral escolar (confessionalidade) ou, ainda, partir para uma aula de cidadania, filosofia, sociologia ou outra área humana. Perde-se, assim, uma importante oportunidade de contribuir para a formação dos educandos, que ficam com lacunas na aquisição de habilidades e competências para compreender e viver no mundo.

A proposta principal do ensino religioso é que ele ocupe espaço no currículo como os demais componentes, pois,

Independente de ser escola pública, particular ou confessional, o Ensino Religioso deve ser programado e executado pedagogicamente de forma respeitosa e dialogante com os demais saberes da escola. Justifica-se esta posição, pois mesmo as escolas confessionais têm, em seu alunado, seguidores das mais diversas tradições religiosas. Afirma-se, portanto, que o Ensino Religioso escolar em geral deve ser transconfessional.<sup>48</sup>

Além de transconfessional e multidisciplinar, o ensino religioso também pode ser considerado como uma área do conhecimento

[...] essencialmente interdisciplinar. Requer atividades interativas que proporcionem não só pesquisa rigorosa, reelaboração de dados, produção de formas literárias e artísticas do conhecimento adquirido e reflexão, como também experiências significativas na educação integral, pois nenhuma disciplina como o ensino religioso lida com as questões humanas universais.<sup>49</sup>

A partir dos PCNER que entendem o estudo do fenômeno religioso como patrimônio imaterial da humanidade, o ensino religioso deve organizar seus conteúdos, de forma pedagógica, em cinco eixos temáticos: Ritos (festas, locais sagrados e símbolos das Tradições Religiosas); Tradições Religiosas (culturas); Teologias das Tradições Religiosas (diferentes nomes e atributos do ser transcendente, diferenças e semelhanças doutrinárias, mitos de origem, crenças sobre o pós-morte e outros); Textos Sagrados (orais e escritos) e Ethos dos povos e das culturas (costumes e valores dos povos e de suas religiões).<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> CORDEIRO, Darcy. A Formação Inicial de Professores para a Educação Básica: Desafios e Perspectivas para o Ensino Religioso. In: POZZER, Adecir et al (Orgs.). *Diversidade Religiosa e Ensino Religioso no Brasil: memórias, propostas e desafios* – Obra comemorativa aos 15 anos do FONAPER. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010. p. 134.

<sup>49</sup> CARNIATTO, 2010, p. 10.

<sup>50</sup> Conforme CARNIATTO, 2010, p. 10.

Assim, com a sistematização do ensino religioso, sua valorização e a correta abordagem de sua proposta, este componente curricular só tende a somar à educação religiosa e confessional, uma vez que faz seu papel de oferecer ao educando a possibilidade de amadurecer na fé, em sua alteridade e em seu desenvolvimento humano para além de sua religião.

### 1.3 Diferenciais da educação confessional

As entrevistas de matrícula para o início do ano letivo demonstram: as famílias possuem expectativas específicas diante de uma escola confessional. Muito se ouve em relação à busca de uma educação pautada por valores éticos e pela preocupação com a humanização dos estudantes, qualidades supostamente garantidas pelas religiões.

Essa busca muitas vezes se encerra em uma escola de educação confessional, na certeza de que a religiosidade presente na instituição poderá fazer diferença na formação ética e moral do educando. Se as famílias escolhem uma escola por ser confessional, entende-se que esta possui um diferencial que lhes interessa, sendo a família pertencente ou não à religião confessada.

Para além dos casos em que os pais dos estudantes escolhem uma instituição, exclusivamente, devido aos seus resultados em exames externos<sup>51</sup>, a identidade da escola enquanto tradição, “filosofia” e missão, possui grande peso nesta decisão, já que transmitem a intenção e os princípios a partir dos quais a educação dos estudantes será conduzida: “a escola confessional diferencia-se das outras escolas, principalmente, pela fonte inspiradora de educação”.<sup>52</sup>

Podemos perceber esse diferencial se compararmos a escola confessional com a escola laica – pública ou privada. Na escola laica

[...] os fundamentos antropológicos, cosmológicos, sociológicos, psicológicos, pedagógicos... são definidos de acordo com parâmetros humanísticos, técnicos e/ou ideológicos. Em escolas confessionais, estes fundamentos têm (ou deveriam ter) uma relação direta com a concepção de Deus. É isso que a faz merecer o adjetivo de confessional. Se toda a ação educativa tem fundamentos antropológicos, cosmológicos e sociológicos, somente a ação educativa nas escolas confessionais integra a estes,

<sup>51</sup> Entende-se como exames externos, por exemplo, provas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares.

<sup>52</sup> BALBINOT, Rodinei. *Educação e espiritualidade: fundamentos da escola em pastoral*. Xanxerê: News Print Gráfica e Editora Ltda, 2010. p. 54.

conscientemente, fundamentos teológicos. Assim, temos uma semelhança e, ao mesmo tempo, uma diferença entre escola laica e escola confessional. Na escola confessional evangelização e educação estão intimamente imbricadas.<sup>53</sup>

Nesta perspectiva, cabe aqui uma reflexão sobre o que a escola confessional traz consigo e oferece.

### *1.3.1 Uma questão de carisma*

Embora as escolas confessionais, em geral, confessem uma identidade e uma missão estabelecida, salientaremos aqui “uma acentuada diferença entre as escolas confessionais católicas e a maioria das confessionais protestantes, [...] determinada pela noção de carisma”.<sup>54</sup> O carisma pode ser entendido como um chamado específico, um foco para a missão daqueles que doam suas vidas em uma vocação religiosa. Inez Augusto Borges, sob um olhar protestante presbiteriano, explica que

No catolicismo, existem ordens religiosas com “carismas” definidos: algumas ordens possuem um “carisma” específico para cuidar dos enfermos, e estas dirigem toda sua atividade para o cumprimento desse “chamado”. No cuidado aos doentes encontram toda sua realização, todo o significado de sua própria existência.<sup>55</sup>

A partir deste exemplo, podemos entender como congregações religiosas, em todo o mundo, se dedicam de formas diferentes à missão de se doar pela causa de Jesus Cristo de acordo com a Igreja Católica. Em meio aos votos de pobreza e castidade, à distância dos familiares e à decisão de viver em comunidade, padres, irmãos e irmãs religiosas dedicam-se por usar seus dons em favor do próximo, de acordo com o carisma da ordem em que atuam.

Assim como há religiosos médicos, enfermeiros e administradores, que dirigem hospitais e se dedicam a obras voltadas para o cuidado com a saúde, há ordens católicas que se dedicam à educação, como é o caso do Instituto Marista, com presença em mais de 70 países, atuando através de escolas, universidades e centros sociais e educacionais. Borges salienta a condição de religiosos, como os Irmãos Maristas, lembrando que

---

<sup>53</sup> BALBINOT, 2010, p. 55.

<sup>54</sup> BORGES, 2008, p. 99.

<sup>55</sup> BORGES, 2008, p. 99.

[...] a tarefa educacional não é para eles uma carreira profissional. É a sua opção de vida. Geralmente, moram nas escolas. Não são padres. São educadores religiosos e sua função, além de educar, inclui a preparação de educadores e administradores para as obras educacionais. Essas escolas contam então com significativo número de pessoas preparadas para explicitar sua confessionalidade na vida acadêmica, ainda que seja pela presença ostensiva daqueles e daquelas que se identificam como seguidores dos princípios de sua ordem.<sup>56</sup>

Quando a autora se refere à presença de pessoas que se identificam com o carisma religioso de determinada ordem, fortalecendo o trabalho desenvolvido, ela está, na verdade, se referindo à presença de leigos: pessoas identificadas com o carisma e com a continuação da missão sustentada pelos religiosos. Considera-se leigo na missão educacional confessional todo aquele que trabalha pela obra dedicando-se para além da questão profissional (funcionário/a ou professor/a), comprometido com a missão expressa na confissão religiosa da instituição.

Para uma melhor compreensão sobre o que significa o carisma da instituição de ensino confessional, Regina Candida Führ explica que

A palavra Carisma tem origem da palavra grega *charisma* que significa *dom gratuito* e se relaciona com a mesma raiz que *cháris*, graça. O carisma é uma graça especial e extraordinária ou uma graça simples ou comum, pela qual o Espírito Santo torna a pessoa apta e pronta para edificar a Igreja.<sup>57</sup>

O carisma, sendo um dom gratuito dado por Deus, não é o mesmo para todos. Assim como as vocações são diferentes, também os carismas os são: “os carismas são tantos quantas são as necessidades da Igreja nos diferentes períodos de sua existência”.<sup>58</sup> Dessa forma, uma instituição confessional expressa um carisma confiado por Deus para, através das graças e dons, assumir a missão que lhe cabe, servir à comunidade e edificar a Igreja.

Na Primeira Carta de São Pedro, o apóstolo, então missionário e primeiro “chefe” da Igreja, reconhece e reforça que cada qual recebe uma graça, um dom, para bem servir ao outro e a Deus. Ao escrever a estrangeiros diz-lhes:

Cada um viva de acordo com a graça recebida e coloquem-se a serviço dos outros, como bons administradores das muitas formas da graça que Deus concedeu a vocês. Quem fala seja porta voz de Deus; quem se dedica ao

<sup>56</sup> BORGES, 2008, p. 101.

<sup>57</sup> FÜHR, Regina Candida. *Ética em educação: novos paradigmas para nosso tempo*. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 23

<sup>58</sup> FÜHR, 2012, p. 25.

serviço, faça com as forças que Deus lhe dá, a fim de que em tudo Deus seja glorificado por meio de Jesus Cristo, ao qual pertencem a glória e o poder para sempre. Amém! (1 Pd 4,10-11).

O Concílio Vaticano II, através da constituição dogmática *Lumen Gentium*, “reconhece que o Espírito Santo forma e dirige a Igreja, graças a uma diversidade de dons hierárquicos e carismáticos”<sup>59</sup> e que, além dos carismas ditos “extraordinários”, há os carismas “mais simples e amplamente difundidos”.<sup>60</sup> Assim, as diversas ordens de vida consagrada destacam-se pelo emprego da noção de carisma, respondendo às diferentes formas de servir ao próximo e de seguir Jesus Cristo:

Os textos de São Paulo destacam a importância desses dons e afirmam que sua diversidade enriquece a comunidade eclesial, porque, embora atribuídos a uma determinada pessoa, são colocados a serviço de toda a comunidade. Nesse sentido, cada pessoa recebe uma graça especial, garantindo sua participação no crescimento de uma Igreja mais espiritualizada e de um mundo melhor.<sup>61</sup>

A este exemplo, diversos grupos se formaram, ao longo do tempo, compostos por pessoas que consagraram sua vida a Jesus Cristo e se uniram para viver a partir de uma mesma missão, em torno de carismas comuns. Exemplo disso é o Instituto dos Irmãos Maristas que se formou em torno do carisma de seu fundador, o padre francês Marcelino José Bento Champagnat, canonizado em 1999.

### 1.3.2 Um fundador: uma missão partilhada

O carisma da instituição está intimamente ligado à identidade da mesma. Poder-se-ia dizer, inclusive, que carisma e identidade estão tão entrelaçados que, por vezes, se confundem, sendo um o caminho para o outro.

Escolas católicas em todo o mundo transparecem em sua identidade religiosa os principais pontos do catecismo da Igreja Católica, como não poderia deixar de ser. No entanto, cada qual salienta e reafirma valores, princípios e ideais específicos com base no carisma de seu fundador e/ou padroeiro. Segundo Führ,

O carisma do/a fundador/a é um dom pessoal que uma pessoa recebe do Espírito Santo e que este coloca na origem de uma família religiosa. Trata-se de um dom particular doado ao/a fundador/a para fundar um instituto.

<sup>59</sup> FÜHR, 2012, p. 25.

<sup>60</sup> FÜHR, 2012, p. 25.

<sup>61</sup> *Água da Rocha: Espiritualidade Marista Fluindo na Tradição de Marcelino Champagnat*. São Paulo: FTD, 2007. p. 96.

Estando na origem da experiência da fundação, o carisma do/a fundador/a apresenta as principais linhas espirituais que caracterizam a identidade própria do instituto, sua missão na Igreja, sua espiritualidade.<sup>62</sup>

Nessa perspectiva, o fundador vive uma vocação e uma experiência única, inspirada pelo Espírito Santo, que o leva a fazer uma leitura necessária do Evangelho de Jesus Cristo, a fim de responder concretamente aos sinais dos tempos. Ele é levado a comunicar sua experiência e sua mística<sup>63</sup>, tornando sua vocação obra concreta de intervenção apostólica na realidade humana e difundindo um carisma.

Para a vocação de vida religiosa, salvo algumas exceções<sup>64</sup>, o serviço nas diversas esferas da sociedade é imprescindível. A independência das congregações, em termos de organização e missão, coloca irmãos e irmãs religiosas “no húmus fértil da vida do povo de Deus, como dom do Espírito à comunidade eclesial”.<sup>65</sup> Fundadores de diversas ordens religiosas foram “além dos limites da época e do contexto histórico”<sup>66</sup>, abrindo caminhos para avanços sociais e na vivência do Evangelho.

Na verdade, o carisma do fundador apresenta sonhos e utopias pelos quais lutar e defender: “Sonhos que estão sempre relacionados com a vida, com o amor, com a paz, com a justiça, com a história, com as angústias e esperanças da humanidade, com os ideais e os critérios do Reino anunciado por Jesus.”<sup>67</sup>

Assim, “o carisma do/a fundador/a, uma vez vivido e partilhado no curso da história, torna-se o carisma do Instituto”<sup>68</sup>, que abraça o modelo a ser seguido, bem como os meios para isso, segundo as virtudes contidas neste carisma. Como “todo carisma é dado em vista da vida do mundo”, “um carisma só é compreendido na medida em que é realizado”<sup>69</sup>, na sua dimensão de serviço e missão.

---

<sup>62</sup> FÜHR, 2012, p. 26.

<sup>63</sup> A mística como a alma da espiritualidade, força interior e profunda que nos leva à ação, um modo de ser e viver. A mística é dom e, ao mesmo tempo, exercício diário. Emanada de devoção religiosa que transborda do ser, tornando-se visível a comunhão com Deus.

<sup>64</sup> Como é o caso da congregação das Irmãs Carmelitas Descalças, que foram fundadas por Santa Teresa de Jesus e vivem em conventos de clausura - os carmelos - dedicadas à vida contemplativa e à oração.

<sup>65</sup> FÜHR, 2012, p. 43.

<sup>66</sup> FÜHR, 2012, p. 43.

<sup>67</sup> FÜHR, 2012, p. 43.

<sup>68</sup> FÜHR, 2012, p. 26.

<sup>69</sup> FÜHR, 2012, p. 26.

Uma escola confessional católica é idealizada e mantida por um Instituto formado em torno de um carisma que aponta para a educação. O desejo, contido nos fundamentos da escola, é viver hoje o que seu fundador sonhou nos primórdios da missão. São Marcelino Champagnat, fundador do Instituto Marista, por exemplo, tinha como sonho tornar Jesus Cristo conhecido e amado. A missão, deixada por ele, segue ativa através daqueles que abraçaram o carisma de evangelizar crianças e jovens através da educação, tendo Maria, a Boa Mãe, por modelo e caminho para Jesus, como queria Champagnat: “Tudo a Jesus por Maria e tudo a Maria para Jesus.”<sup>70</sup>

O Irmão Seán Dominic Sammon, Superior Geral do Instituto Marista no período de 2001 a 2009, assim expressa o papel do carisma de seu fundador:

[...] o Fundador era um homem enamorado de Deus e, com sua ajuda, seus primeiros Irmãos chegaram a sê-lo também. Eles, sob sua orientação, foram tomando progressiva consciência da presença de Deus e aprenderam a confiar em sua providência. Marcelino ensinou-lhes também a tomar Maria por modelo, sabendo que esse era um caminho seguro para centrarem suas vidas no Senhor. Esforçaram-se desse modo por imitar o jeito de Maria. Plenamente fiéis à visão apostólica do Fundador, esses jovens fizeram sua preocupação que o Fundador tinha pelos pobres de Deus e porfiavam por atendê-los. [...] Recebemos a espiritualidade de Marcelino Champagnat e dos nossos primeiros Irmãos, como uma preciosa herança; atualizada em cada geração que nos precedeu, ela mantém sua dimensão marial e apostólica. Cabe-nos, hoje, encarná-la, nas muitas culturas e situações em que o Instituto se faz presente, atualmente.<sup>71</sup>

Em outro momento o Irmão Séan explica o papel do carisma do fundador na missão do Instituto:

O carisma oferecido à Igreja e ao mundo por mediação de Marcelino Champagnat é muito mais do que um conjunto de trabalhos considerados coerentes com sua visão original, um estilo de oração referente a uma determinada espiritualidade – por mais importante que isso possa ser – ou um conjunto de qualidades marcantes da vida do Fundador. [...] O Carisma do nosso Instituto é nada mais nada menos do que a presença do Espírito Santo. Ao permitir que o Espírito aja em nós e por nosso intermédio, podemos realizar feitos surpreendentes. [...] Hoje, o Espírito, tão ativo em nosso Fundador, anseia por viver e vibrar em você e em mim.<sup>72</sup>

No caso das escolas confessionais católicas, como as escolas da Rede Marista, há a confissão da doutrina católica, mas vive-se de diferentes formas o

<sup>70</sup> FAUSTINO JOÃO, Irmão. *Pensamentos de Marcelino Champagnat* – Fundador dos Irmãos Maristas. Porto Alegre: Centro Marista de Comunicação, 1998. p. 7.

<sup>71</sup> Água da Rocha, 2007, p. 9.

<sup>72</sup> Água da Rocha, 2007, p. 97.

Evangelho e o catecismo, de acordo com o carisma e o legado do fundador e/ou santo padroeiro. Nota-se que o mesmo não é visto em escolas confessionais de outras tradições religiosas, já que estas não têm como elemento de sua religiosidade a devoção a santos e padroeiros. Da mesma forma, a não existência de um sentimento equivalente à noção de carisma pode vir a explicar a dificuldade<sup>73</sup> de algumas instituições protestantes de explicitar e manter viva sua identidade confessional.

#### **1.4 Para além do sonho e da missão na educação**

Ter um carisma e um fundador como norteadores da missão educativa faz a escola de confissão católica ser segura em suas abordagens? Na verdade, este é um ponto de partida e uma certeza de que se tem um belo caminho a trilhar. Outras questões surgem, quando se trata de educação formal em nossa sociedade, e aí o papel da escola confessional vai além do sonho de seu fundador e da missão assumida pelos educadores multiplicadores deste sonho.

A escola confessional professa uma fé específica a partir de seu carisma, mas não pode perder a capacidade de refletir e avaliar seu papel enquanto centro de educação para a vida e geradora de esperança na sociedade como um todo. Da mesma forma, questões éticas e de visão de mundo devem ser consideradas no sentido de haver diálogo com as demais perspectivas que compõem o universo da educação e da vida para além dos muros da escola.

##### *1.4.1 Educação confessional e sociedade*

O termo confessional, por si só, já confere à discussão muitas interpretações. E boa parte dos esforços desta pesquisa procede da esperança de que seja possível diminuir as barreiras de preconceito diante de uma escola confessional, quando a visão que se tem dela é de um lugar limitador para as capacidades evolutivas da humanidade, em termos de conhecimentos.

Amós Nascimento salienta que o uso corrente do termo confessional nos passa a ideia de uma educação religiosa proselitista, na qual surge o problema da “associação dessa acepção com a ideia de dogmatismo, intolerância, divisões

---

<sup>73</sup> BORGES, 2008, p. 99.

denominacionais e culturais muito particulares que raramente estão em diálogo, mas procuram impor-se umas sobre as outras, sem abrir-se ou questionar-se”.<sup>74</sup> Esta ideia insere-se em uma questão de fé bastante limitada, na qual a escola se tornaria um gueto<sup>75</sup> e um espaço limitado para pessoas que professam uma religiosidade conforme a confessionalidade do lugar.

Nesse sentido, é preciso compreender o valor de uma antiga e longa tradição de educação sob uma pluralidade de perspectivas. Ely Eser Barreto César exemplifica esta questão a partir da afirmação de que

A educação oferecida pela Igreja não se destina exclusivamente a seus fiéis. Ainda que esta exclusividade fosse possível, os alunos que esta escola formaria seriam preparados para viver em uma sociedade que se organiza independentemente da Igreja. Assim, por se dispor a oferecer preparo para se viver na sociedade, a escola da Igreja precisa atender a interesses legítimos desta sociedade.<sup>76</sup>

Embora as diferenças entre as Igrejas e religiões sejam visíveis e expressivas, como escolas provenientes destas Igrejas e religiões, as instituições confessionais devem orientar seu projeto para responder às diversas necessidades da sociedade em que estão inseridas, considerando a “impossibilidade de projetarmos várias sociedades humanas no mesmo espaço histórico e geográfico”.<sup>77</sup>

Vemos, atualmente, que a escola confessional, em muitos casos, é referência em termos de aprendizagem e preparo dos estudantes para apresentarem resultados satisfatórios em provas externas, pesquisas científicas e no campo do trabalho. Isso, porque já há um entendimento de que

O ensino da língua usada na sociedade, com o rigor requerido para um convívio qualificado, o domínio das linguagens das ciências, a introdução aos códigos que se constituem em referências para o amplo convívio social e a formação para o exercício de uma profissão não são questões particulares do campo religioso. De fato, a Igreja precisa considerar ser a educação uma ferramenta básica para integrar a novas gerações na sociedade vigente.<sup>78</sup>

---

<sup>74</sup> NASCIMENTO, Amós. Reflexões preliminares sobre Educação e Confessionalidade. In: *Revista da ABIEE: Educação e Missão*, Brasília, 2003, p. 37.

<sup>75</sup> No sentido de ser um lugar para um grupo específico e à parte do resto da sociedade, isolado pelas diferenças.

<sup>76</sup> CÉSAR, Ely Eser Barreto. Educação no contexto da missão eclesial. In: *Revista da ABIEE: Educação e Missão*, Brasília, 2003, p. 51.

<sup>77</sup> CÉSAR, 2003, p. 57.

<sup>78</sup> CÉSAR, 2003, p. 52.

Por isso, reconhecer a pluralidade e os processos educacionais, aliando a tradição confessional ao estudo e à pesquisa atualizada no campo da educação, torna estas escolas aptas a falarem em educação integral. A construção de parcerias num sentido educacional amplo, para além da confissão religiosa, valorizando o aspecto político, social e científico do conhecimento, abre um leque de possibilidades para uma intervenção amorosa no mundo. Isto, sem aprofundarmos a ideia da capacitação de pessoas que estarão preparadas para testemunharem valores éticos onde estiverem, confessando ou não a religião que identifica sua escola de formação.

Cabe dizer ainda que o diálogo e a parceria com variados setores da sociedade só pode trazer benefícios ao projeto confessional. Isso significa unir esforços em um projeto maior, que vise igualmente a felicidade humana e no qual as diferentes confissões religiosas possam contribuir de forma ecumênica, sem a renúncia de suas respectivas identidades, mas na mesma direção que é a busca pelo bem comum.

A partir desta concepção, as instituições confessionais precisam estar abertas ao diálogo com as variadas áreas do conhecimento, da mesma forma que devem manter o diálogo com movimentos estudantis, associações docentes, instituições educacionais laicas, com a mídia em geral, “além de estar preparadas a dialogar com o poder público e a assessorá-lo na questão da ‘educação confessional’ em caráter regional ou nacional”.<sup>79</sup>

Uma questão importante, e que a muitos inquieta, é se pode ser possível fazer convergir a vivência do carisma que provém da Igreja com os interesses e as necessidades da sociedade num projeto educativo. César defende que sim, pois “a fé religiosa gera uma visão particular de mundo que pode ser trabalhada nos processos educacionais independentemente da adesão à mesma fé”.<sup>80</sup> Na verdade, a confessionalidade irá atribuir a estes processos valores humanos que completarão a formação do estudante, a fim de que ele tenha ferramentas a mais para ser uma peça importante na construção de um mundo mais justo e feliz.

Esta contribuição, justamente, vai ao encontro do que anseia a sociedade, doente pela falta de critérios para uma convivência humana feliz e sadia, já que “a

---

<sup>79</sup> NASCIMENTO, 2003, p. 48.

<sup>80</sup> CÉSAR, 2003, p. 52.

educação confessional, derivada dos valores de fé cristã comum, se orienta para uma educação para a solidariedade, a favor da vida plena no mundo”.<sup>81</sup>

As escolas confessionais possuem seu lugar na sociedade, pois a fé que anima sua missão é o projeto de Deus que significa vida plena entre todos os seres vivos:

Afirmar, a partir da fé cristã, a prioridade da vida, supõe afirmar a necessidade de se construir relações justas entre as pessoas e a sociedade, supõe orientar os processos educacionais para a solidariedade e construção da paz. Nestes grandes propósitos, que se caracterizam como os horizontes que visualizamos a partir da fé, podemos e devemos construir espaços de cooperação. Não somente entre as instituições ditas confessionais, mas entre outras instituições, educacionais ou não, que se orientam pelos mesmos propósitos. [...] O que nos move é o bem comum da sociedade e é para este bem que instituímos escolas em nossas Igrejas.<sup>82</sup>

Como as escolas confessionais não visam e nem podem visar o proselitismo, é a missão a serviço do bem comum na sociedade que exige e cria espaços de cooperação entre os diversos segmentos. Por isso, é rica a contribuição destas escolas para a formação de uma sociedade solidária e fraterna, crítica e capaz de combater tendências egoístas, individualismos e injustiças. Pode-se dizer, inclusive, que a responsabilidade para com a sociedade em que vivemos e a construção de conhecimentos baseados em valores humanos de cuidado com a vida, materializam os “valores religiosos que nos animam”.<sup>83</sup>

Ely César é mais enfático ainda, quando fala em descaracterização das instituições confessionais, quando estas não têm clara uma intervenção na sociedade em seus projetos educacionais. Se o objetivo de confessar a religiosidade (carisma) não é percebido na prática do cuidado com o outro, na vivência dos valores evangélicos e na ética, a partir dos testemunhos, existe uma grande chance de a instituição estar se perdendo em sua essência, isto é, valorizando mais a “empresa do ramo da educação” do que a “escola confessional”:

A origem da nossa motivação religiosa, em contato com os diferentes valores ou ausência de valores da sociedade que buscamos servir, confere às instituições educacionais um diferencial valorizado na própria sociedade. Nosso compromisso maior com a educação para a solidariedade, para a construção de relações mais justas voltadas para a paz é percebido pela

---

<sup>81</sup> CÉSAR, 2003, p. 56.

<sup>82</sup> CÉSAR, 2003, p. 56.

<sup>83</sup> CÉSAR, 2003, p. 56.

sociedade como diferencial de grande valor. Nosso compromisso último não é com o lucro ou o poder, mas com a vida.<sup>84</sup>

A preservação e o cuidado com a vida é o compromisso maior das instituições confessionais. Na verdade, nas escolas confessionais, a educação é um meio para se alcançar a plenitude da vida<sup>85</sup> do Reino de Deus na sociedade em que vivemos!

#### 1.4.2 *Ética e visão de mundo*

A ética, sabidamente, nos remete à reflexão sobre o mundo que nos cerca, num esforço de fazer pensar sobre os fundamentos da moral como costumes, comportamentos e regras. “Ela tem um caráter mais reflexivo e debruça-se sobre a problematização, a investigação e a interpretação dos valores e das normas morais para ratificá-las ou depurá-las”.<sup>86</sup>

A ética na educação é um assunto bastante estudado e encontra eco entre todos que querem fazer parte da construção de uma sociedade justa. Cabe aqui refletirmos sobre a ética na escola confessional, de forma a pensarmos sobre a contribuição destas escolas, não só no sentido religioso cristão, mas também no sentido da confissão propriamente dita.

Jesus Cristo demonstrou sua ética sendo um verdadeiro reformador moral em seu tempo; tanto foi que deixou incomodados aqueles que detinham o poder ao ponto de tramarem sua morte. Jesus incomodou, pois deixou, entre outras muitas lições, o mandamento de nos amarmos e amarmos como Ele mesmo nos amou, isto é, até o fim, o limite da vida. Jesus libertou a todos através do amor, por isso,

A consciência ética cristã é uma consciência ética libertada por Cristo para a solidariedade com o outro. Nisso consiste a responsabilidade, que pressupõe a liberdade que se exprime no risco da decisão concreta. A vida do cristão consiste em existir para os outros.<sup>87</sup>

Para Führ, a ética cristã é uma ética de responsabilidade, que guia os cristãos a pensarem sobre o projeto de Deus, “hoje, aqui, entre nós e para nós”. É

---

<sup>84</sup> CÉSAR, 2003, p. 56.

<sup>85</sup> “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.” (Jo 10,10).

<sup>86</sup> FÜHR, 2012, p. 20.

<sup>87</sup> FÜHR, 2012, p. 141.

uma ética de responsabilidade porque exige um empenho total pela vida e “em levar uma vida em resposta à vida de Jesus Cristo”.<sup>88</sup>

Podemos dizer que a ética na expressão confessional das escolas está, sobretudo, na consciência e na responsabilidade de viver coerentemente, segundo a crença professada. Isto significa embasar suas práticas e seu agir conforme os princípios que sua confissão defende.

Para as escolas católicas, no geral, a ética no fazer pedagógico é vivida a partir de princípios claros que constituem a identidade da Igreja:

A Doutrina Social da Igreja Católica destaca alguns princípios que dizem respeito à dignidade da pessoa humana, ao bem comum, ao destino universal dos bens, aos direitos humanos, à solidariedade, à subsidiariedade e à participação. Entre os valores podemos dar ênfase à verdade, à liberdade, à justiça, à solidariedade, à responsabilidade, à paz e à caridade/amor. Considerando os valores e princípios elencados é importante que estes estejam presentes em nossa prática educacional, para que os educandos e educadores assumam a sua cidadania com responsabilidade social.<sup>89</sup>

O conjunto de valores éticos de uma confissão religiosa norteia a escola confessional. Não significa, porém, que as escolas laicas não vivam princípios tais quais, mas entende-se que a decisão para se pautar a ética escolar nessa perspectiva ocorre de forma diferente, podendo não haver uma base comum partilhada igualmente por todos que formam a escola ou, ainda, a rede de ensino.

A ética na escola confessional faz parte da formação para a cidadania, mas já começa a ser percebida e vivida no momento em que se afirma a religiosidade intrínseca com honestidade. É importante que seja considerado que não há uma educação neutra e isenta de parcialidades. Deve-se assumir a posição que a religiosidade ou crença nos reserva na sociedade, na forma de pensar e agir de cada um.

“Há pessoas que acham uma instituição confessional um prejuízo à educação por princípio. A educação para essas pessoas não deveria ter nenhum caráter religioso ou, até, ideológico”.<sup>90</sup> A questão é que a imparcialidade na educação é totalmente ilusória. Ilusória porque colocamos nossa visão de mundo ao

---

<sup>88</sup> FÜHR, 2012, p. 140.

<sup>89</sup> FÜHR, 2012, p. 150.

<sup>90</sup> JOSGRILBERG, Rui de Souza. Estruturas existenciais da confessionalidade na educação. In: *Revista da ABIEE. Educação e Missão: Brasília, 2003. p. 72.*

educar, e ilusória porque os estudantes não possuem maturidade, em sua maioria, para fazer escolhas sobre qual teoria querem acreditar ou qual valor lhes deve servir. Educar crianças e jovens pressupõe apresentar-lhes um caminho e conhecimentos que vão levá-los a viver (sobreviver) no mundo que descobrem a cada dia.

A própria escolha por uma educação não confessional já é uma escolha ideológica dentro de uma pluralidade de ideias e concepções de mundo. Pois, na verdade, “não podemos viver sem opção, latentes ou patentes, as opções estão sempre presentes”.<sup>91</sup>

Josgrilberg fala em um “lugar onde o eu fala”, na educação. Assim não há neutralidade neste espaço educativo, já que não é possível apresentar teorias, técnicas, despertar conhecimentos, aprender e ensinar, sem que tiremos os véus de nosso ser e mostremos o mundo através do nosso olhar:

O diálogo autêntico e a educação implicam que as pessoas sejam mais bem conhecidas também como pessoas concretas. Isso não é privilégio dos cristãos. Isso é comum a todo processo educativo. E, sendo assim, penso que nós cristãos temos iguais direitos de educar dizendo a nossa especificidade. Dizermos nossa especificidade não significa impor, não significa exigir que os outros assumam nosso modo de ser ou copiem nosso modelo. O que deve ser muito claro para nós é a coerência e a possibilidade de uma autêntica educação confessional.<sup>92</sup>

O autor defende, ainda, que ninguém pode viver sem estar inserido em uma cultura, em uma tradição. Dessa forma, pode-se concluir que ninguém pode existir sem confessar um modo de viver no mundo. Josgrilberg faz a diferenciação entre professar e confessar: “professar é tornar pública uma palavra. Confessar é envolver pessoas com suas palavras”.<sup>93</sup> Diariamente confessamos nosso existir sem percebermos e dividimos nossa visão de mundo com aqueles que nos rodeiam.

Mais especificamente, “a fé religiosa gera uma visão particular de mundo que pode ser trabalhada nos processos educacionais independentemente da adesão à mesma fé”.<sup>94</sup> O mundo oferece muitas linguagens e interpretações que a escola confessional vai apresentar para seus estudantes como as demais escolas o fazem, no entanto, esta pode fortalecer visões de mundo também presentes na sociedade

---

<sup>91</sup> JOSGRILBERG, 2003, p. 72.

<sup>92</sup> JOSGRILBERG, 2003, p. 72.

<sup>93</sup> JOSGRILBERG, 2003, p. 76.

<sup>94</sup> CÉSAR, 2003, p. 52.

secular e que convergem com os valores religiosos para um desfecho de felicidade e realização humana. Por exemplo, “a concepção de salvação e felicidade no campo da fé cristã gera o cultivo de valores como solidariedade, serviço ao outro de modo desinteressado, valores que se inspiram na experiência da graça de Deus em nosso favor”.<sup>95</sup> Já a esfera da sociedade que enxerga as relações como possibilidades de lucro e vantagem, na qual as pessoas são consideradas mercadorias e são considerados corretos valores como competição e individualismo para se chegar ao sucesso, gera frustrações, tristezas, desentendimentos e infelicidade, sentimentos dos quais os seres humanos buscam fugir a todo momento.

Infelizmente, vemos o quanto esta visão de mundo domina os espaços que frequentamos e o quanto sofremos com a perpetuação de atitudes que impedem o desenvolvimento para a felicidade. Contrários a esta realidade, “há grupos e famílias que se incomodam com esta ‘lei das selvas’ e gostariam de ver seus filhos se formarem em outro ambiente”.<sup>96</sup> E é o ambiente escolar confessional uma real alternativa que procura cultivar valores cristãos e oferecer a fé na vida, “como alternativa para o reordenamento social”,<sup>97</sup> A visão de mundo que provém da fé e de uma religiosidade sadia, quando encontrada na escola, “permite repensar toda a sociedade e as relações humanas em uma perspectiva ética, na base do ‘não vos conformeis com este mundo’”.<sup>98</sup>

É claro que, para isso, a instituição educacional precisa pensar sua relação com o mundo que a cerca. Ela tanto pode procurar valorizar e viver com este mundo e com a cultura que não faz parte da religião, como pode excluir a possibilidade de interação com o mundo exterior e acabar distanciando sua prática pedagógica da realidade. Ely César faz uma reflexão sobre o “mundo da cultura” e o “mundo da fé”. Segundo o autor, as pessoas envolvidas com a educação confessional (religiosos e leigos) devem cultivar estas duas instâncias.

A necessidade que emerge está em entender que a expressão humana, cultural, pode estar presente nas expressões de religiosidade. Assim como a religião pode ser expressa através da cultura. “A confusão entre os mundos da fé e da cultura tende a gerar posturas moralistas que não contribuem para uma adequada

---

<sup>95</sup> CÉSAR, 2003, p. 52.

<sup>96</sup> CÉSAR, 2003, p. 52.

<sup>97</sup> CÉSAR, 2003, p. 52.

<sup>98</sup> CÉSAR, 2003, p. 53.

formação ética das novas gerações.”<sup>99</sup> Por isso, é importante que a escola confessional tenha clareza de seu papel na formação para a vida no mundo, na cultura e na diversidade, em todos os aspectos.

Assim, ela estará livre de desempenhar uma educação moralista no lugar de uma educação ética e libertadora<sup>100</sup>, na qual o mundo, como obra divina, merece ser amado, cuidado e conhecido, em uma vida conduzida pela ética. Afinal, “a ética é uma relação da vida com a vida. Não existe, nem pode existir ética fora da vida. Ética é agir com sentido de vida”.<sup>101</sup>

---

<sup>99</sup> CÉSAR, 2003, p. 53.

<sup>100</sup> FÜHR, 2012, p. 133.

<sup>101</sup> FÜHR, 2012, p. 133.

## **2 CONFSSIONALIDADE CATÓLICA NA REDE MARISTA DE EDUCAÇÃO**

A seu favor, a escola confessional possui uma maior independência para definir seu papel na sociedade, gozando da autonomia de poder gerenciar sua missão e fazer opções de caminhos e direções na tarefa de educar a partir dos ideais partilhados. Cada escola ou rede de ensino confessional tem a liberdade de desenvolver seu projeto pedagógico a partir de sua tradição religiosa ou carisma. Este capítulo apresenta a análise de conteúdo de documentos norteadores da ação educacional do Colégio Marista Pio XII, inserido na Rede Marista de Educação, de forma a identificar as evidências e a influência da confessionalidade católica em sua proposta educativa, desvendando sua visibilidade, bem como características, limitações e contribuições a partir da mesma.

### **2.1 Confessional ou não? Eis a questão!**

Sob um amplo olhar, observa-se falta de clareza nas escolas confessionais quanto ao seu papel diante da formação dos estudantes. Muitas instituições buscam alternativas para suprir as novas necessidades de educandos que precisam formar, na escola, conceitos e valores, antes desenvolvidos em seu núcleo familiar. Entre eles, valores éticos e religiosos, normalmente provenientes da cultura e da tradição que a família carrega (educação religiosa). Cada vez mais, torna-se perceptível a crescente quantidade de pais e mães que se eximem da responsabilidade de educar seus filhos e filhas para relações humanas saudáveis, pautadas na ética e na solidariedade, transferindo-a aos educadores e educadoras que procuram nas instituições de ensino, em especial, nas confessionais, as quais, comumente, relacionam com disciplina.

Outro fato importante de se considerar é que as crianças passam grande parte do seu tempo diário nas escolas, locais propícios para formação e ressignificação de realidades distorcidas e nocivas que, muitas vezes, se apresentam como única alternativa e que, no entanto, podem ser superadas por novas formas de ver, pensar e viver, além de suscitar projetos de vida rumo à felicidade e ao bem comum. Por isso, a escola confessional pode e deve ser considerada como centro transformador de vidas, a partir de sua missão de educar a partir de valores religiosos.

É preciso, porém, atenção, pois educação confessional, educação religiosa e o próprio ensino religioso podem se misturar na tentativa de fazer com que a mensagem que a escola queira passar chegue até os estudantes. É necessário reconhecer que as escolas confessionais defendem uma educação mais humana, pautada na solidariedade e na fraternidade, além de, simplesmente, formar pessoas com certa bagagem de conhecimento, como já foi explorado no capítulo anterior. No entanto, a pergunta que esta pesquisa ainda precisa responder diz respeito à forma como se caracteriza essa confessionalidade nas escolas, qual sua visibilidade e sua influência em seu projeto educacional, a fim de possibilitar a compreensão e a clareza de seu papel na educação. É preciso levar em conta que uma escola dita confessional nem sempre é capaz, em seu projeto, de equilibrar sua missão proveniente do carisma com sua missão educacional e todos os desafios que esta apresenta.

Assim como há escolas que exaltam sua identidade religiosa, há aquelas que não têm clareza de sua identidade ou veem isso como um fator que pode prejudicar sua colocação na sociedade. Por isso, as escolas confessionais, em especial, as escolas católicas, devem procurar, constantemente,

[...] rever seus projetos educacionais e responder ao novo chamado da Igreja, porque nem sempre o lugar que ocupam na sociedade e na educação tem como suporte e fundamento os valores do evangelho em todas as suas dimensões, nem uma proposta pastoral comprometida com a força da verdade [cristã]. Cresceram e conquistaram reconhecimentos, negociando as demandas do mercado, obedecendo a políticas incompatíveis com os critérios educativos da igreja e sem uma clara definição a respeito dos valores e a cultura contemporânea, perdendo a identidade católica e missionária. Essas instituições se desentenderam - nos feitos - de vastos setores da população que requerem de sua atenção e de sua presença educativa e evangelizadora.<sup>102</sup>

Nesse sentido, chama a atenção a história de um casal, de tradição cristã católica, que procurava uma escola para seu filho ingressar, ainda na Educação Infantil. A intenção da família era que o menino estudasse em uma escola confessional, pois esperava que ele encontrasse valores e ritos dos quais já participava no âmbito familiar. Depois de visitar três escolas, o pai da criança contou que, ao entrar na primeira instituição, não encontrou nada que sugerisse uma confessionalidade católica: sem crucifixo, sem imagem de santos, apenas uma

---

<sup>102</sup> CELAM. *Vão e ensinam*. Identidade e Missão da Escola Católica na mudança de época à luz de Aparecida. Tradução de Vitor Hugo Mendes. Bogotá: Ediciones SM, 2011. p. 21.

pequena capela ecumênica e um nome de santo a zelar. Na segunda instituição havia uma “decoreção católica” impecável e uma capela tão ornamentada, pintada, que parecia toda de ouro, como exaltou a mãe do garoto. Quando os pais perguntaram à coordenadora pedagógica em que momentos as crianças iam até a capela, esta franziu a testa e disse que não, eles não estavam entendendo: a capela estava aberta o tempo todo, mas a escola não induzia ninguém a entrar, assim como também não falava de religião em suas aulas, pois isso seria dever exclusivo da família, não era papel da escola. No entanto, a coordenadora salientou que foram ótimos os resultados no ENEM daquele ano. Na terceira escola, os pais encontraram crucifixos, imagens, capela e algo a mais: uma entrevista para conhecer a família e para apresentar-lhes o projeto da escola. Quando a coordenadora pedagógica começou a falar sobre a história da instituição, seu projeto, sua missão, ainda cheia de cuidado para que a família entendesse, o pai colocou seu crucifixo para fora da camisa e a tranquilizou, dizendo que era isso que procuravam, uma escola com identidade.

Parece apenas uma história, mas é uma história verídica, contada por um casal de Porto Alegre que acabou por matricular seu filho, de apenas quatro anos, em uma escola da Rede Marista, principalmente, por terem sentido firmeza em sua identidade de escola católica<sup>103</sup> e no seu projeto. Marcelino Champagnat, que fundou o Instituto Marista, explicou a missão da congregação, dizendo:

Se fosse apenas para ensinar ciências humanas aos jovens, não haveria necessidade de Irmãos: bastariam os demais professores. Se pretendêssemos ministrar apenas a instrução religiosa, limitar-nos-íamos a ser simples catequistas. O nosso objetivo, contudo, é mais abrangente. Queremos educar crianças, isto é, instruí-las sobre os seus deveres, ensinar-lhes como praticá-los, infundir-lhes o espírito e os sentimentos do cristianismo, os hábitos religiosos, as virtudes do cristão e do bom cidadão. Para tanto, é preciso que sejamos educadores, vivamos no meio das crianças e que elas permaneçam muito tempo conosco.<sup>104</sup>

Atualmente, as instituições religiosas que mantêm escolas confessionais contam, em grande número, com o trabalho de leigos em sua missão, já que a

<sup>103</sup> A identidade da escola católica “são características específicas que transformam instituições, ações e agentes em uma escola; especificamente, em uma Escola Católica. A identidade implica no reconhecimento dos próprios membros da comunidade (interior) e no reconhecimento e na identificação por parte da sociedade e de outras instituições (exterior). Sem identidade, a Escola Católica reproduz as características de qualquer escola, mesmo que seja dirigida ou administradas por pessoas da Igreja.” (Cf. CELAM, 2011, p. 44).

<sup>104</sup> FURET, João Batista. *Vida de José Bento Marcelino Champagnat, 1789-1840: padre fundador da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 498.

quantidade de religiosos e consagrados não corresponde às necessidades das obras educacionais. Cada vez mais, professores e colaboradores são impelidos a fazerem parte do carisma das instituições confessionais,

[...] percebendo que sua função ultrapassa a tarefa de transmitir conhecimentos e atinge a integralidade do ser humano. Algumas instituições confessionais avançam nesse particular, preocupando-se com a dimensão transcendente dos seres humanos que lhes são confiados, além de preocuparem-se com a educação da dimensão emocional, artística e moral.<sup>105</sup>

Esta preocupação tem base em uma identidade, um carisma e uma responsabilidade perante a sociedade, que se traduz, ao mesmo tempo em que tem sua origem, nos documentos construídos pela instituição e que regem a sua prática.

A ação missionária na escola acontece a partir da relação entre educação e evangelização, inerente à confessionalidade expressa pela instituição, mas os gestores de uma escola confessional podem decidir por difundir princípios cristãos, tanto quanto os gestores de uma escola laica, no entanto, a segunda vai manifestar seu desejo, muito provavelmente, através de parâmetros humanísticos e ideológicos, não tendo claros fundamentos teológicos em seus documentos e suas práticas pedagógicas.

Nestas escolas, “as concepções de Deus permeiam o processo de ensino aprendizagem através de manifestações culturais espontâneas da comunidade, dos alunos, dos professores, dos funcionários e outros agentes envolvidos.”<sup>106</sup> Assim, podemos dizer que a religiosidade e a concepção de Deus, na escola laica, passam pela cultura, sendo difícil encontrar em um Projeto Político Pedagógico uma dimensão pastoral ou teológica. Já,

Nas escolas confessionais, a concepção de Deus está entrelaçada com a concepção de ser humano, de mundo e de sociedade e, por isso, alicerça a ação educativa. Embora alguns Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) destas escolas também não explicitem os fundamentos teológicos, podemos encontrá-los nas entrelinhas da concepção de ser humano, de sociedade e de educação. Há PPPs de escolas confessionais que já incluem uma dimensão espiritual ou uma dimensão pastoral em seus fundamentos. Nestes, a concepção de Deus aparece de modo explícito.<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup> BORGES, 2008, p. 68.

<sup>106</sup> BALBINOT, 2011, p. 55.

<sup>107</sup> BALBINOT, 2011, p. 56.

E onde devem estar estes fundamentos e estas concepções nos documentos norteadores da escola confessional? De forma explícita ou nas entrelinhas? Voltamos à questão de identidade, que, se não for clara, pode acabar gerando, por que não dizer, uma “crise de identidade”, que prejudique o futuro e a razão de ser da instituição. A partir dessa preocupação e para fins desta pesquisa, nos valeremos da análise dos documentos de uma escola e sua rede de ensino.

### *2.2.1 Diretrizes em forma de documentos*

Dentre as escolas confessionais católicas, optamos por pesquisar a relação entre a religião e a educação, na perspectiva da confessionalidade da escola, a partir dos documentos norteadores do Colégio Marista Pio XII, situado em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, que integra a Rede Marista. Em 2010, a Rede Marista de Educação e Solidariedade que é gerida pela Província Marista do Rio Grande do Sul (PMRS), uma das unidades administrativas que fazem parte do Instituto dos Irmãos Maristas, completou 110 anos seguindo os princípios da organização religiosa e educacional fundada por São Marcelino Champagnat em 1817 e que atua em 79 países.

Para os fins desta pesquisa, serão considerados os documentos que consistem nas principais diretrizes da escola, enquanto escola confessional, sendo quatro os documentos elencados: dois comuns à rede de ensino e dois específicos do Colégio Marista Pio XII. Entre os documentos partilhados entre os colégios maristas, está o Projeto Educativo do Brasil Marista, publicado em 2010 e previsto para ser estudado e implementado até 2013 na Rede Marista de Educação de todo o país. Além deste, será analisado outro importante documento: as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Marista do Rio Grande do Sul (PMRS).

De acordo com as informações encontradas no site oficial da instituição<sup>108</sup>, há mais de 60 mil beneficiados pelo trabalho marista, contando as áreas do Estado do RS, Brasília e localidades na Amazônia, coordenadas por esta província. São contabilizados, ainda, 176 religiosos maristas e aproximadamente 10 mil colaboradores – dados de 2010 –, conclamados a levar “adiante a Missão legada pelo fundador do Instituto: evangelizar e educar, transformando a realidade por meio

---

<sup>108</sup> SOBRE A REDE MARISTA. Disponível em: <http://maristas.org.br/institucional> Acesso em: 1 jun. 2014.

do que há de melhor nos corações e nas mentes das pessoas comprometidas com os valores humano-cristãos”.<sup>109</sup>

Atualmente a Rede Marista – PMRS, que compreende o nosso estado (RS), Distrito Federal (DF) e Amazônia – atua por meio de colégios, unidades sociais e uma universidade, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que, junto ao Hospital São Lucas, o Instituto do Cérebro, o Museu de Ciência e Tecnologia, o Parque Tecnológico e outras unidades universitárias, compõem o Ensino Superior Marista. A Rede Marista também atua na animação vocacional de Irmãos e Leigos Maristas e mantém, além das obras em cidades gaúchas, uma escola em Brasília (DF) e a ação missionária na Amazônia (Distrito Marista da Amazônia).<sup>110</sup> O Brasil Marista ainda compreende outras duas províncias responsáveis por gerir a missão no país. São elas a Província Marista do Brasil Centro-Sul (PMBCS) e a Província Marista do Brasil Centro-Norte (PMBCN).

Além dos dois documentos norteadores provenientes da rede de ensino, o Colégio Marista Pio XII conta com o seu próprio Regimento Escolar e seu Plano Pastoral, que servem como diretriz de sua ação pedagógico-pastoral.

Esta caminhada de consolidação da educação marista em Novo Hamburgo iniciou em 1915, quando os primeiros irmãos maristas chegaram à cidade, fundando o “Sankt Jacobs Koleg”, Colégio São Jacó, uma escola católica só para meninos. No dia primeiro de março de 1950, iniciaram as atividades em uma pequena escola paroquial junto à Catedral Basílica São Luís Gonzaga, cujo nome era Pio XII. Aquele primeiro ano letivo registrou um total de 68 alunos matriculados. O número de alunos foi crescendo gradativamente e foi necessária a construção de um prédio maior para atender as necessidades da comunidade. As obras das atuais instalações foram iniciadas em 1959, com a inauguração oficial em 1962, passando a denominar-se Ginásio Pio XII, formando sua primeira turma de 28 ginasianos em 1963.<sup>111</sup>

A partir daí a escola foi se expandindo e, atualmente, conta com 1003 estudantes, 60 professores, 61 funcionários e 7 estagiários.<sup>112</sup> Atende a comunidade oferecendo a Educação Básica em uma estrutura que compreende a área de,

---

<sup>109</sup> REDE MARISTA. Disponível em: <http://maristas.org.br/sobre-a-rede-marista> Acesso em: 2 ago. 2013.

<sup>110</sup> SOBRE A REDE MARISTA. Disponível em: <http://maristas.org.br/institucional> Acesso em: 1 jun. 2014.

<sup>111</sup> SERVIÇO DE PASTORAL ESCOLAR. *Plano Pastoral*. Colégio Marista Pio XII, 2014. p. 3.

<sup>112</sup> Dados de abril de 2014.

aproximadamente, 17 mil metros quadrados, em uma região central de Novo Hamburgo.

### 2.2.2 Os documentos maristas

O Projeto Educativo do Brasil Marista foi elaborado no período de 2007 a 2009 por representantes das Províncias Maristas do Brasil. Esse movimento se deu após a proposta da elaboração de um *projeto político-pedagógico-pastoral* pela comissão de Educação Básica da União Marista do Brasil (UMBRASIL), fundada em 2005 para congregar todas as instituições maristas do país, fortalecendo e amparando a ação marista. “Sob o título *Projeto Educativo do Brasil Marista – Nosso Jeito de Conceber a Educação Básica*, o projeto foi aprovado pela Diretoria, pelo Conselho Superior e pela Assembleia Geral Ordinária da UMBRASIL em fevereiro de 2010.”<sup>113</sup>

Este projeto foi uma produção coletiva, “tendo sido escrito a muitas mãos, mentes e corações”<sup>114</sup>, como explica o texto inicial do documento. De acordo com o mesmo texto, o objetivo do projeto é “dar unidade ao processo educativo das escolas maristas, sempre com profundo respeito às experiências e trajetórias de cada Província e do Distrito e dialogando com as diversidades”, reconhecendo que

[...] a presença marista no Brasil comporta realidades plurais, tanto em âmbito nacional como no das próprias escolas maristas. Essa pluralidade exige a elaboração de políticas e diretrizes educacionais que estejam em conformidade com a missão marista e sejam flexíveis e abertas, de forma a valorizar seus sujeitos, as peculiaridades culturais e regionais e as novas demandas educativas.<sup>115</sup>

Esta visão de trabalho em rede, com a uniformização do *projeto político-pedagógico-pastoral* para todo um país, poderia significar um “projeto de gaveta”, engessado e difícil de ser vivido, caso não houvesse em seu intuito esse respeito pela diversidade e essa abertura para, através de processos criativos e inéditos, transformar o projeto em realidade.

É importante ressaltar que a iniciativa para a realização do Projeto Educativo do Brasil Marista surgiu a partir dos apelos da Assembleia Internacional da Missão

<sup>113</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA: *nosso jeito de conceber a Educação Básica*. Brasília: UMBRASIL, 2010. p. 10.

<sup>114</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 11.

<sup>115</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 11.

Marista e do 21º Capítulo Geral, ocorridos em 2007 e 2009, respectivamente, ambos momentos de encontro, estudo, avaliação e tomadas de decisões para o Instituto Marista, em nível internacional.

Este documento é composto de cinco capítulos. O primeiro trata do projeto educativo no contexto da missão educativa marista; o segundo apresenta a dimensão contextual, contendo informações sobre as trajetórias do Instituto Marista no Brasil; o terceiro foca na dimensão conceitual, esclarecendo delineamentos e posicionamentos diante de teorizações e concepções; o quarto capítulo traz a dimensão operacional, tratando das políticas institucionais nas ações, organização e dinâmica do projeto; e o quinto apresenta a dimensão avaliativa do mesmo.

Este é realmente um documento valioso nesta pesquisa, especialmente por ser o primeiro movimento na transformação do Brasil Marista como rede de ensino, propriamente, unificando a missão educativa e evangelizadora. Não é a toa que o conjunto de documentos elencados neste trabalho integram o todo do projeto educativo da Rede Marista, em especial do Colégio Marista Pio XII, como sugere o título da dissertação.

No documento, Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Marista do Rio Grande do Sul (2010-2017), encontramos mais uma vez uma importante característica: um trabalho feito em “mutirão” com vistas à unidade, como explica o Ir. Inácio Nestor Etges, Provincial, em seu texto de apresentação das diretrizes.<sup>116</sup> Este documento foi o resultado da construção coletiva entre as unidades maristas da PMRS, desejando dar comunhão ao processo evangelizador, enfatizando o cunho eclesial, isto é,

[...] colocando-se de acordo com as diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), como está definido no Plano Estratégico da Província: ‘A pastoral deve promover a evangelização sob o ideal marista, e alinhada com a Igreja’.<sup>117</sup>

De acordo com a introdução ao texto, este é um “documento importante dentro da caminhada que a Província vem fazendo para dar conta de sua missão

---

<sup>116</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Marista do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CMC, 2011. p.8.

<sup>117</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p.8.

fundacional”<sup>118</sup> e está “inserido no universo de documentos da Igreja Católica e do Instituto Marista”.<sup>119</sup>

As diretrizes seguem o método “Ver, Julgar e Agir”, do padre belga Joseph Cardijn, há muito utilizado pela Igreja Católica do Brasil e da América Latina como forma de entender a realidade (ver), analisá-la e confrontá-la à luz do Evangelho (julgar) e propor uma ação para transformá-la (agir).

No capítulo destinado ao “ver”, alguns assuntos são elencados para oferecerem uma possibilidade de leitura da realidade, na qual as unidades maristas se inserem: evangelização e carisma: espiritualidade, espírito e missão marista e evangelização e mudança de época. O texto apresenta tendências e reflexões sobre a atualidade sem a pretensão de se realizar um “diagnóstico cultural, econômico, social, político e religioso”<sup>120</sup>, como o próprio esclarece.

Como “julgar”, há uma breve apresentação dos três referenciais que inspiram a missão marista: Jesus Cristo e seu projeto; Maria, seguidora de Jesus; Marcelino Champagnat e a evangelização. O capítulo ainda termina com um espaço destinado para os critérios de evangelização, isto é, como o documento – e a Rede Marista – entende e espera que seja o processo de evangelização.

Na parte do “agir”, são listadas 5 prioridades no processo pastoral, seguidas de propostas de ação. São elas:

- Prioridade 1: Cultivo da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo, libertadora e profética, inspirada em Maria e Champagnat;
- Prioridade 2: Presença fortemente significativa entre as crianças e jovens, prioritariamente os empobrecidos;
- Prioridade 3: Evangelização inserida e articulada com a comunidade eclesial e sociedade;
- Prioridade 4: Animação vocacional de Irmãos, leigos, crianças e jovens;
- Prioridade 5: Formação continuada dos evangelizadores.

---

<sup>118</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 11.

<sup>119</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 11.

<sup>120</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 12.

O documento é finalizado com os “horizontes das diretrizes”, apontando objetivos a serem alcançados até 2017 e com as referências.

A apresentação do documento deixa claro que

As Diretrizes da Ação Evangelizadora são como um mapa. Se não há quem o interprete e trace um plano de percurso, de nada serve. Assim, as Diretrizes, para se efetivarem precisam, por um lado, de um processo de planejamento e, por outro, de planos ou projetos de ação. Que as Diretrizes da Ação Evangelizadora ajudem a Província e as Unidades Maristas a estarem em pastoral, ajudem as pessoas envolvidas com o carisma marista a serem testemunhas vivas e atuais de Jesus Cristo e sua mensagem e a terem processos pastorais estruturados e organizados, gerando vida nos espaços onde estão inseridos.<sup>121</sup>

Nesse sentido, interessa conhecer o Plano de Pastoral da unidade em questão, para que se possa constatar se há coerência entre o que o colégio propõe e o que o documento, proveniente da PMRS, orienta.

O Plano de Pastoral do Colégio Marista Pio XII é organizado a partir da identificação do colégio, seguido de um breve histórico do mesmo, os atendimentos oferecidos com números de atendidos, a equipe de colaboradores – desde a direção, a coordenação pedagógica, até os agentes de pastoral –, a apresentação da estrutura física, uma breve descrição do cenário externo à escola com oportunidades e ameaças ao trabalho pastoral e uma breve descrição do cenário interno com pontos fortes e fracos a considerar. Esta primeira parte configura-se no “ver”, dentro da metodologia “ver, julgar e agir”. Em seguida, encontram-se dois pequenos textos reafirmando o compromisso da escola enquanto pastoral sendo católica e marista e a importância de evangelizar através de ações planejadas, formando o “julgar” e o “agir” da proposta do plano. Após essa parte introdutória, estão os projetos desenvolvidos e realizados pelo setor, contando com, aproximadamente, doze projetos com inúmeras atividades cada, sendo que um dos projetos, dentro do Serviço de Pastoral, é a Pastoral Juvenil Marista (PJM), que se desdobra em mais seis projetos.

Sobre o Regimento Escolar do Colégio Marista Pio XII, é importante saber que é um documento composto por dez capítulos e suas sessões, dispendo sobre cada setor, serviço e atribuição, além das normas vigentes, dadas as situações escolares.

---

<sup>121</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 13.

Através dos documentos citados acima, é possível realizar uma análise de conteúdo a partir de três categorias que emergiram dos textos: escola confessional, escola em pastoral e escola marista, sendo que cada uma contribui para a compreensão da relação entre religião e educação e confessionalidade no projeto político-pedagógico-pastoral da Rede Marista, em especial, do Colégio Marista Pio XII, de Novo Hamburgo – RS.

## 2.2 Escola Confessional Católica

Há uma expectativa de que a escola confessional católica se manifeste como tal, principalmente pela tradição de outras épocas – como a rigidez de padres e freiras –, mas não só. A Igreja Católica vem fazendo um importante movimento de atualização de seu papel na sociedade e valorizando cada vez mais as instituições educacionais e sua missão de evangelizar.

Um exemplo disso é o documento elaborado pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), "Vão e ensinem. Identidade e Missão da Escola Católica na mudança de época à luz de Aparecida"<sup>122</sup>:

A publicação, que fala sobre a identidade e missão da escola católica, foi desenvolvida pelo Departamento de Cultura e Educação do Conselho Episcopal Latino Americano (Celam), com o objetivo de fornecer uma visão do que é a Escola Católica para o documento conclusivo da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino Americano de Aparecida.<sup>123</sup>

Um propósito da elaboração deste livro é promover o discipulado missionário e a identidade nas escolas católicas da América Latina. Segundo aponta o mesmo,

A meta da Escola Católica é favorecer um processo de formação integral e permanente sobre as bases de uma antropologia cristã que conduza "ao encontro com Jesus Cristo vivo, Filho do Pai, irmão e amigo, Mestre e Pastor misericordioso, esperança, caminho, verdade e vida" (DA 336).<sup>124</sup> E é essa dignidade a que eleva e enobrece a pessoa humana com deveres e

<sup>122</sup> O documento foi, inicialmente, lançado em espanhol. Posteriormente, foi traduzido por Vitor Hugo Mendes e publicado em português. Atualmente, o documento vem sendo divulgado pela Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC) que o envia digitalizado às escolas.

<sup>123</sup> Disponível em: <<http://www.gaudiumpress.org/content/33919-Livro-sobre-identidade-e-missao-da-escola-catolica-sera-apresentado-na-Colombia#ixzz34iJJSjbX>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

<sup>124</sup> Item 336 do Documento Final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida – Brasil (Documento de Aparecida – DA).

direitos para a construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária, a partir da perspectiva do Evangelho.<sup>125</sup>

Já o atual Líder da Igreja Católica, Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, destaca que estamos vivendo em uma “sociedade da informação” que oferece diversas notícias, saturando-nos indiscriminadamente de dados, sem critérios, conduzindo-nos a “uma tremenda superficialidade no momento de enquadrar as questões morais. Por conseguinte, torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores”.<sup>126</sup>

Nesse sentido, o pontífice ressalta que a Igreja Católica, mesmo em tempos de expansão de um secularismo, “é uma instituição credível perante a opinião pública, confiável no que diz respeito ao âmbito da solidariedade e preocupação pelos mais indigentes”.<sup>127</sup> Salienta que escolas e universidades católicas no mundo inteiro têm contribuído mediando soluções “de problemas que afetam a paz, a concórdia, o meio ambiente, a defesa da vida, os direitos humanos e civis”<sup>128</sup>, e confirma, em forma de apoio, que “é muito bom que seja assim”.<sup>129</sup>

Através desta exortação apostólica<sup>130</sup>, o Papa Francisco procura estimular todos os fiéis católicos a viverem e anunciarem o evangelho, chamando a atenção, inclusive, das escolas católicas para que cumpram seu papel evangelizador, lembrando que estas

[...] sempre procuram conjugar a tarefa educacional com o anúncio explícito do Evangelho, constituem uma contribuição muito válida para a evangelização da cultura, mesmo em países e cidades onde uma situação adversa nos incentiva a usar a nossa criatividade para se encontrar os caminhos adequados.<sup>131</sup>

---

<sup>125</sup> CELAM, 2011, p. 8.

<sup>126</sup> PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica do Papa Francisco. *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho*. Brasília: Edições CNBB, 2013. p. 45 (nº 64).

<sup>127</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 46 (nº 65).

<sup>128</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 46 (nº 65).

<sup>129</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 46 (nº 65).

<sup>130</sup> A exortação apostólica é um documento pontifício, redigido pelo próprio Papa, para tratar de assuntos diversos, a fim de animar, estimular, aconselhar, sendo “uma diretriz vigorosa sobre determinado tema, dirigida aos membros da própria Igreja” (Cf. Cardeal Odilo Pedro Scherer, Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/articulas/cardeal-odilo-pedro-scherer/13350-alegria-do-evangelho> Acesso: 10 fev. 2014.). No caso da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sua mensagem é sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. O documento foi publicado na conclusão do chamado Ano da Fé, dia 24 de novembro de 2013.

<sup>131</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 83 (nº 134).

Outra importante instrução do chefe máximo da Igreja Católica diz respeito ao anúncio do Evangelho às diferentes culturas. O Papa esclarece que este anúncio implica em atingir as culturas profissionais, científicas e acadêmicas, promovendo o encontro entre a fé, a razão e as ciências, de forma a fazer com que o Evangelho chegue a todos e que, por meio do estudo, se torne “instrumento do Espírito para iluminar e renovar o mundo”.<sup>132</sup>

Consideramos que a educação é uma experiência, uma vivência, uma relação de troca que favorece a construção e a ressignificação de sentidos, na qual diversos instrumentos são buscados, mas somente pessoas podem fazer da educação uma realidade.<sup>133</sup> Portanto, a escola é uma instituição essencialmente social, que deve seguir as leis e normas determinadas pelo Estado, obedecer cada diretriz de ensino a respeito de acesso, permanência e conclusão na trajetória escolar, bem como respeitar uma base comum obrigatória de áreas de conhecimento<sup>134</sup>, o que, inclusive, representa uma segurança a estas instituições. No entanto, as escolas confessionais católicas atendem a outras expectativas, além das já determinadas pelos órgãos estatais reguladores da educação nacional. Consideram as necessidades de uma época de transformação, vivida e entendida pela Igreja como uma oportunidade de educar para a vida em todas as suas dimensões, através da ética, do respeito e de um diálogo que “harmonize todos os discursos: o científico, o tecnológico, o ético e moral, o político, o cultural e o religioso (DA 123, 124, 464)”.<sup>135</sup>

Por isso, as escolas católicas são conclamadas a cultivarem uma concepção íntegra<sup>136</sup> de educação e isso

[...] requer uma escola com uma clara identidade católica. A escola não é uma instituição formal que simplesmente satisfaz a obrigatoriedade e a universalidade proclamadas pelos estados modernos e reforçadas pelas transformações dos últimos tempos. Toda escola, para ser tal, deve ser um âmbito de crescimento efetivo de todos seus membros e não só um cumprimento formal de prescrições. Embora não representem a totalidade

<sup>132</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 83 (nº 132).

<sup>133</sup> BALBINOT, 2010, p. 46.

<sup>134</sup> BALBINOT, 2010, p. 48.

<sup>135</sup> CELAM, 2011, p. 9.

<sup>136</sup> Educação íntegra como “educação que se propõe a oferecer um desenvolvimento em todas as dimensões constitutivas da pessoa, obtendo paulatinamente, não apenas a aquisição sistemática da cultura, mas a maturidade da pessoa e o desenvolvimento harmonioso de todos os elementos constitutivos do ser humano. A educação íntegra é o pressuposto necessário para que, além de escola, ela seja uma Escola Católica.” Cf. CELAM, 2011, p. 43.

da educação, nem excluam outras propostas e outros agentes ou atores responsáveis, as escolas católicas constituem um lugar de privilégio para a maturidade da personalidade de cada um dos seus estudantes e a possibilidade de definir um projeto de vida centralizado na pessoa de Jesus.<sup>137</sup>

A partir dessa concepção de escola confessional católica, procuramos entender, através de uma análise de conteúdo dos documentos escolares, como a Rede Marista, especificamente o Colégio Marista Pio XII, observa sua identidade confessional católica e a assume em seu projeto educativo.

### *2.2.1 Escola Confessional Católica e Marista*

A escola confessional está, explicitamente, presente nos documentos que regem a prática pedagógica do Colégio Marista Pio XII? O Ideário Educativo Marista quer que sim, que esta seja uma certeza: “Cremos que, através da Escola Católica, contribuimos para dar sentido evangélico a toda a realidade humana. Por isso, o Colégio Marista oferece um claro e explícito serviço evangélico.”<sup>138</sup>

No Projeto Educativo do Brasil Marista – Nosso jeito de conceber a Educação Básica – percebemos a preocupação com aspectos da escola confessional já nas finalidades do projeto: “ênfasis na educação evangelizadora comprometida com as práticas solidárias e com a defesa da vida, atenta às culturas e à consciência planetária” e “subsidiar a avaliação da fecundidade evangélica e do compromisso da Rede Marista de Educação Básica com a construção da ‘civilização do amor’”.<sup>139</sup> Da mesma forma, na apresentação dos princípios do projeto, vemos que entre eles está: “assegurar a educação de qualidade como direito social fundamental”, conforme estabelecido nas leis da educação; ética cristã e a busca do sentido de vida, cultura da solidariedade e da paz; e educação integral que “requer ampla visão da pessoa e de seu desenvolvimento, que aqui se traduz no processo formativo de subjetividades, nos modos de ser sujeito, em sua integralidade e inteireza (corpo, mente, coração e espírito)”.<sup>140</sup>

Na página 20 do documento, encontramos uma imagem (Anexo 1) com a função de ser um mapa para percorrer as etapas do projeto. Nela observamos um

<sup>137</sup> CELAM, 2011, p. 19.

<sup>138</sup> COMISSÃO INTERPROVINCIAL MARISTA DE EDUCAÇÃO. Ideário Educativo Marista. CIME, S/d. p. 4.

<sup>139</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 16.

<sup>140</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 17.

caminho que se chama “educação evangelizadora”, como sendo a finalidade maior de todo o percurso e de todos os esforços em construir esse projeto. Na página 27, encontramos outro importante esquema (Anexo 2) que apresenta os caminhos de Champagnat e do Instituto Marista, demonstrando a trajetória de uma educação com fundamentos cristãos/católicos.

No capítulo destinado à dimensão contextual, percebe-se a importância que se dá à história do Instituto, partindo da história de seu fundador, Marcelino José Bento Champagnat, contando, cronologicamente, os episódios mais significativos de sua vida, que deram significado à missão do Instituto. Chama a atenção a história do jovem Montagne, com quem Champagnat teve um encontro, em fins de outubro de 1816, na paróquia de La Valla, na França. O jovem, na idade de 17 anos, estava prestes a morrer quando chamaram o padre Marcelino para visitá-lo. Ao encontrar Montagne, Champagnat ficou surpreso e entristeceu-se ao descobrir que o rapaz não sabia ler nem escrever e estava morrendo sem jamais ter ouvido falar de Deus. Consta que esta experiência tocou profundamente o coração de Champagnat que, através do jovem, sentiu a necessidade de milhares de crianças e jovens que sofriam a miséria humana e espiritual:

De imediato, convidou e preparou dois jovens, Jean-Baptiste Audras e Jean-Marie Granjon, para empreenderem junto com ele um projeto espiritual e educacional. Inicia assim, em meio a uma incrível pobreza, mas motivado por profunda confiança em Deus e na proteção de Maria, a Boa Mãe, a concretização de seu sonho de fundar o Instituto Marista, com a missão de evangelizar por meio da educação as crianças e os jovens daquele tempo, principalmente os mais empobrecidos. Isso aconteceu no dia 2 de janeiro de 1817, quando Champagnat tinha 27 anos.<sup>141</sup>

Adiante, o projeto educativo dá ênfase ao multiculturalismo e às diferenças, salientando que o Instituto deve estar atento aos movimentos contemporâneos, analisando os valores manifestados, sem omissão, para não se atrelar ao passado enquanto um mundo novo se anuncia. Uma declaração como esta demonstra o quanto a Rede Marista está preocupada em salvaguardar sua identidade confessional sem medo de revê-la em um processo de “constante atualização”<sup>142</sup>, ou melhor, assumindo essa necessidade.

---

<sup>141</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 29.

<sup>142</sup> ZAMAGNI, 2013, p. 03.

No tópicos a respeito da missão educativa, fica clara a opção pela educação confessional, a concepção de Deus no projeto educativo e a identidade religiosa da instituição:

Evangelizar é missão a ser assumida por todo cristão. Somos todos convocados a ser presença evangelizadora, colocando Jesus Cristo como centro sobre o qual se fundamentam os nossos valores e as nossas ações [...]. De fato, nosso Instituto expressa sua identidade vivendo com o Povo de Deus e comprometendo-se com a missão evangelizadora definida por nosso fundador.<sup>143</sup>

Uma das inspirações desse documento é o relatório do 20º Capítulo Geral<sup>144</sup>, que descreveu as instituições maristas como “comunidades em que os jovens devem aprender a levar o Evangelho a sério. Nossos esforços para integrar a fé com o projeto de educação das novas gerações devem ser bem visíveis às pessoas que entram em contato com qualquer uma de nossas obras apostólicas”.<sup>145</sup> E no projeto educativo ainda há um reforço sobre esta concepção: “é imperativo evangelizar sempre a partir da relação da pessoa consigo mesma, com os outros e com Deus. A ruptura entre o evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama de nosso tempo, como o foi também de outras épocas. [...] Na e pela cultura, a fé cristã cria história e torna-se histórica.”<sup>146</sup>

Nesse ponto, encontramos uma abordagem da relação entre fé e ciência para a Rede Marista: “a principal tarefa da educação marista será o empenho pela integração entre fé e vida, encarnando a mensagem evangélica na própria cultura. A própria natureza da mensagem cristã se manifesta também no diálogo entre fé e razão, visto que ‘fé sem razão pode levar a mitos e superstições’ e ‘razão sem fé não contempla a radicalidade do ser’<sup>147</sup>”.<sup>148</sup>

<sup>143</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 36.

<sup>144</sup> O Capítulo Geral é a Assembleia Geral do Instituto dos Irmãos Maristas. Reúne mais de 100 religiosos representantes de todos os continentes para definir as diretrizes gerais do Instituto nos mais de 72 países nos quais estão presentes. Esta reunião acontece a cada oito anos e dura aproximadamente trinta dias. Além de tomar decisões relevantes e traçar linhas de ação para o período, nesta oportunidade é feita a escolha do novo Superior-Geral e dos Conselheiros Gerais do Instituto a nível internacional.

<sup>145</sup> *Tornar Jesus Cristo conhecido e amado: a vida apostólica marista hoje*. Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas, Roma, v.31, n.3, 6 jun. 2006. p. 15-16. In: PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 37.

<sup>146</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 37.

<sup>147</sup> PAPA (1978-2005: João Paulo II). Carta Encíclica *Fides et Ratio*, n. 48, 1998.

<sup>148</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 37.

Esse empenho em integrar fé e vida perpassa o projeto educativo em diversos momentos. Entre eles, quando, na dimensão conceitual, aparece o compromisso do “diálogo entre as ciências, as sociedades e as culturas sob uma perspectiva cristã da realidade”, pois,

[...] ao contemplar uma interligação entre as diferentes dimensões da pessoa, incluindo a dimensão espiritual, considera a integralidade e a inteireza dos sujeitos da educação em um movimento, que harmoniza fé, cultura e vida. Ao mesmo tempo, valoriza a diversidade, a diferença, a solidariedade, a consciência planetária e a promoção de relações justas, bem como incorpora diferentes saberes, conhecimentos, linguagens, mídias e tecnologias no conjunto de suas metodologias.<sup>149</sup>

O Projeto Educativo do Brasil Marista é entendido como um projeto-político-pedagógico-pastoral, incluindo a identidade religiosa da escola já no princípio de sua estrutura. Segundo o próprio projeto, este adota “um posicionamento teórico, fruto de decisões políticas, sociais, pedagógicas e pastorais, coerentes com a missão educativa do instituto e com os novos cenários”.

O posicionamento teórico, que é objeto dessa pesquisa, demonstra que a confessionalidade católica é expressa de forma clara no documento, assumindo um compromisso que deve ser incorporado na prática das escolas maristas:

[...] o Projeto Educativo do Brasil Marista assume que a cultura, articulada com a fé e a vida, ocupa uma posição central nos processos educacionais contemporâneos das escolas maristas. Esse posicionamento se dá não apenas porque vivemos num país marcado pela pluralidade cultural, pela pluralidade de modos de ser brasileiro e viver o Brasil, mas também porque a própria educação-currículo-pedagogia-escola funciona como um dispositivo que produz valores, práticas culturais, saberes e conhecimentos, por meio dos quais os sujeitos da educação marista se posicionam no mundo e assumem um compromisso com a vida e com as causas das infâncias, adolescências, juventudes e vida adulta, a partir da paixão por Jesus e pela humanidade.<sup>150</sup>

Os sujeitos se posicionam no mundo inspirados por este projeto centralizado em Jesus Cristo e a favor da vida. Mas que sujeitos são esses? Como são percebidos?

Há, na raiz da educação marista, o conceito de pessoa criada “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26), a qual se revela em sua plenitude na história do Povo de Deus e na pessoa de Jesus Cristo histórico. A partir desse fundamento da antropologia cristã, mergulhamos no mistério

---

<sup>149</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 43.

<sup>150</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 50.

profundo do ser humano e encontramos em Jesus a expressão máxima da pessoa inteira e integrada, a expressão máxima da síntese antropológica e da síntese divina, a síntese da abertura e do diálogo, da acolhida e do respeito às diferenças, da solidariedade e da compaixão, da ternura e do rigor, manifestada em sua caminhada terrena e em seu encontro com os homens, mulheres, meninos e meninas de seu tempo. [...] Enfim, mulheres e homens, meninas e meninos em relação com o mundo e com Deus, capazes de se constituir e de constituir o mundo, sujeitos do fazer-pensar da educação.<sup>151</sup>

Esse trecho, transcrito acima, traz a mensagem do conceito de pessoa com a qual a escola marista deve trabalhar. Ao revelar uma proposta de seguimento de Jesus Cristo, na abordagem da pessoa humana, este projeto demonstra um cuidado especial com a sua missão e com a sua confessionalidade, deixando registrado no documento máximo da escola que esta deve cuidar e se preocupar com os sujeitos que a integram como o próprio Cristo.

Numa abordagem mais específica, as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Marista do Rio Grande do Sul (2010-2017) demonstram o alinhamento da rede de ensino com os setores da Igreja Católica no Brasil:

[...] [as diretrizes] desejam ser um trabalho de cunho eclesial colocando-se de acordo com as diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), como está definido no Plano Estratégico da Província: 'A pastoral deve promover a evangelização sob o ideal marista, e alinhada com a Igreja'.<sup>152</sup>

Em outro trecho, na introdução do documento, percebemos com clareza a intenção da Rede Marista em desenvolver sua missão em consonância com a Igreja que representa e à qual serve: "As Diretrizes estão inseridas no universo de documentos da Igreja Católica e do Instituto Marista. Nesse sentido, não podem ser lidas de maneira isolada."<sup>153</sup>

No espaço destinado ao "ver", do método "ver, julgar e agir", o item 64 traz a convicção da pertença e da construção de uma Igreja Católica como povo de Deus e rede de comunidades "que seja missionária, capaz de ir ao encontro dos afastados, inculturando também o Evangelho no mundo urbano, nas juventudes, nas crianças e adolescentes [...]".<sup>154</sup>

---

<sup>151</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 54-56.

<sup>152</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 8.

<sup>153</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 11.

<sup>154</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 43.

Nas propostas de ação (“agir”), destacam-se algumas que vêm a reforçar a identidade confessional católica da instituição: “celebrar datas e festas significativas da Igreja”, “realizar celebrações da Palavra e da Eucaristia”, “realizar peregrinação a santuários marianos, especialmente locais e/ou regionais”, “participar de Romarias”, “oferecer a pastoral dos sacramentos, conforme orientações de cada diocese”, “participar dos espaços da comunidade eclesial, articulando-se com as pastorais”, “realizar celebrações junto à comunidade eclesial local”, “disponibilizar espaço físico para a comunidade eclesial”, “incentivar o envolvimento dos educadores/professores e educandos nas suas comunidades eclesiais”, “garantir a representação da Província na Associação Nacional de Educação Católica (ANEC), União Marista do Brasil (UMBRASIL) e Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)” e “motivar para a catequese sacramental”. Ao todo são onze ações relacionadas à Igreja Católica e à comunidade eclesial na qual a escola está inserida.

Destaca-se, ainda, o uso de documento proveniente do Vaticano<sup>155</sup>, da CNBB e do Texto Conclusivo da V conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida (2008), um importante balizador das transformações na Igreja Católica Latino-Americana para uma evangelização cada vez mais missionária.

As Diretrizes são bastante ricas em conteúdo, possuindo toda a abordagem e toda a orientação necessária para o desenvolvimento de um plano pastoral bastante estruturado e de acordo com o que espera a Igreja Católica e o Instituto Marista, enquanto carisma religioso. Sem a possibilidade de transcrevê-lo, todo, para uma análise mais profunda sobre suas opções teóricas, teológicas e metodológicas, é possível, ainda, afirmar que as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Marista do Rio Grande do Sul (2010-2017) manifestam clara e objetivamente a opção pelo seguimento de Jesus Cristo, através do modelo de Maria, Boa Mãe, pelo exemplo de Marcelino Champagnat e a partir de uma missão na Igreja Católica.

Com base nessas Diretrizes, cada unidade marista desenvolve seu Plano de Pastoral para o ano vigente. O Plano Pastoral do colégio Marista Pio XII apresenta diversos projetos ligados à sua confessionalidade católica. Entre eles estão:

---

<sup>155</sup> Foi utilizada a encíclica *A evangelização no mundo contemporâneo* – *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI (1975).

celebrações litúrgicas semanais, na capela Nossa Senhora Boa Mãe, no próprio colégio; missas de formatura; participação no rosário interativo promovido pela Rádio Aliança (FM 106.3) a cada segunda quarta-feira do mês, envolvendo famílias e colaboradores da escola; participação junto à paróquia à qual pertence a escola – Catedral São Luiz Gonzaga – na confecção dos tapetes de Corpus Christi; participação efetiva na Pastoral da Educação da Diocese de Novo Hamburgo em reuniões mensais e eventos da diocese em conjunto com a ANEC; participação da PJM nas reuniões do Setor de Juventudes da Diocese e nos seus eventos, como o Dia Nacional da Juventude (DNJ), reunindo todos os movimentos e pastorais da juventude.

Os projetos são listados em forma de tabela, na qual aparecem dados que respondam às necessidades de execução: “quem?”, com as pessoas, setores responsáveis; “como?”, com uma breve descrição do projeto; “quando?”, com previsão de datas, momentos; “onde”, constando os locais de realização; “orçamento”, com estimativas de valores gastos para a ação e “avaliação”, com explicação do processo de avaliação daquele projeto.

O Plano de Pastoral apresenta uma grande quantidade de projetos que mantém viva a confessionalidade da escola e pode-se afirmar que contempla todo o ano letivo, diversos âmbitos e públicos, com ações envolvendo educadores, colaboradores, setores, a comunidade escolar e religiosa e, principalmente, os estudantes.

Observa-se que o Plano de Pastoral de 2014 do Colégio Marista Pio XII está em sintonia com o Projeto Educativo e com as Diretrizes da Ação Evangelizadora, atendendo às cinco prioridades determinadas no documento.

Quanto ao Regimento Escolar do Pio XII, observa-se uma preocupação em manifestar a identidade confessional católica nas regras estipuladas. Para além das entrelinhas, há um trecho bem claro, no Capítulo I – Dos Fins e Objetivos –, Seção I – Das Finalidades e Princípios – que esclarece a pertença da escola a uma confissão religiosa: “Como Instituição Católica, a Instituição Marista insere-se na Pastoral da Igreja assumindo um compromisso social e eclesial, sendo um centro de

claro e explícito serviço evangélico à comunidade.”<sup>156</sup> Na Seção II – Dos Objetivos – outra vez a confessionalidade é dominante: “Comprometida com a formação de ‘Bons cristãos e honestos cidadãos’, a Instituição Marista, propõe-se a: I- desenvolver a ética cristã fundamentada no agir humano e nas relações, desenvolvendo um projeto de vida inspirado na responsabilidade social; [...] III- promover a educação em ambiente evangelizador em que educador e estudantes sejam agentes de transformação.”<sup>157</sup>

No Capítulo IV – Dos Níveis de Ensino –, há os objetivos e as finalidades da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Nas três etapas há a menção à promoção do desenvolvimento da religiosidade, ampliando para a vivência do cristianismo através de valores evangélicos vivenciados até a formação ética e espiritual já no Ensino Médio.

Até aqui, os documentos analisados manifestam a pertença explícita do Colégio Marista à Igreja Católica e a presença de orientações, diretrizes, projetos e regras que levam à vivência prática da confessionalidade na escola.

### **2.3 Pastoral Escolar: o “coração” da escola confessional**

Na sua maioria, as escolas confessionais possuem setores e serviços responsáveis por liderar a missão de manter viva a identidade religiosa da escola, como é o caso da Pastoral<sup>158</sup> Escolar.

Como o coração que bombeia vitalidade a todas as partes de um corpo, o Serviço de Pastoral Escolar (SPE)<sup>159</sup>, dentro de uma escola confessional, representa

<sup>156</sup> REGIMENTO ESCOLAR. Colégio Marista Pio XII – Novo Hamburgo. Porto Alegre: USBEE, 2011. p. 8.

<sup>157</sup> REGIMENTO ESCOLAR, 2011, p. 9.

<sup>158</sup> Se a função da Igreja é a de seguir o exemplo de Jesus, como o bom pastor que cuida de cada uma das ovelhas e do rebanho, a pastoral define a tarefa da Igreja e de seus pastores : anunciar o evangelho e cuidar dos vários rebanhos que lhes foram confiados. Embora todas as ações possam ser pastorais, costuma-se distinguir os diversos setores que implicam em vários tipos de pastoral e metodologias (entre elas, a pastoral da educação e a escolar). Cf. CELAM, 2011, p. 46. Pastoral remete, assim, à opção por um modo de vida marcadamente comunitário. O ingresso na comunidade marca uma mudança de vida, a partir da qual a pessoa se torna participante da realização de uma missão. A sua realização pessoal está diretamente relacionada à missão da qual faz parte. Cf. BALBINOT, 2010, p. 49.

<sup>159</sup> Termo utilizado pela UMBRASIL – União Marista do Brasil.

a fonte de energia e o cultivo da espiritualidade que a escola precisa para seguir firme na sua tarefa de “evangelizar no ‘território’ da educação”.<sup>160</sup>

Este setor tem seu papel compreendido e respeitado, especialmente, quando bem distinguido do ensino religioso, componente curricular da educação básica discutido no capítulo anterior. O que acontece, nesse sentido, é uma dificuldade de desligar o componente das atividades pastorais. No entanto,

[...] quer se afirmar a grande diferença entre o serviço de pastoral e o ensino religioso: enquanto o primeiro se constituiu num setor que coordena ações em nível de planejamento da vida da instituição como um todo, o segundo é um componente curricular, de uma área de conhecimento específica, que tem seu lugar no cotidiano da sala de aula, trabalhado junto aos educandos e avaliado naquilo que se propõe a ensinar. Não cabe, portanto, ao ensino religioso ‘salvaguardar’ a identidade confessional da escola e muito menos atuar, de forma autônoma, na organização de celebrações, retiros, ambientações ou quaisquer outras atuações litúrgicas dessa.<sup>161</sup>

Ao mesmo tempo, porém, tanto o ensino religioso quanto os demais componentes curriculares devem estar em consonância com o projeto assumido pela escola e com as atividades realizadas em cada setor, no caso, o SPE:

O ensino religioso fará isso na medida em que celebrar, por exemplo, for uma atividade constituinte de sua ação pedagógica, da mesma forma que a realização de um sarau poderia servir como dinamização para a aprendizagem de Literatura. Ao mesmo tempo, porém, cabe ao ensino religioso e a todos os componentes curriculares comungarem com as propostas assumidas pela escola e dinamizadas pelos diferentes serviços pedagógicos, como a Pastoral Escolar.<sup>162</sup>

Os setores de uma escola não existem para si próprios, mas estão a serviço do andamento do projeto educacional, não podendo realizar ações isoladas. Da mesma forma, o SPE trabalha em conjunto com os demais setores e sempre voltado aos públicos que frequentam a instituição: “uma escola confessional, por princípio, é confessional como um todo e espera-se, portanto, que toda ela viva ‘em pastoral’”.<sup>163</sup>

Mas o que seria viver “em pastoral”? Rodinei Balbinot explica que o nome “escola em pastoral” pode levar a se pensar na priorização do aspecto

<sup>160</sup> MACHADO, Renato Ferreira. Uma pastoral escolar para uma escola em pastoral: projetos, possibilidades e ações na dinamização de uma identidade. In: WACHS, Manfredo Carlos et al (Orgs.) *Ensino Religioso: Religiosidades e práticas educativa*. VII Simpósio de Ensino Religioso da Faculdades EST e I Seminário Estadual de Ensino Religioso do CONER/RS. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010. p. 277.

<sup>161</sup> MACHADO, 2010, p. 283.

<sup>162</sup> MACHADO, 2010, p. 283.

<sup>163</sup> MACHADO, 2010, p. 283.

pastoral/religioso em relação a outros aspectos da vida escolar. No entanto, “se entendermos pastoral como participar de uma missão, então podemos falar em escola em pastoral”.<sup>164</sup>

Uma escola em pastoral, em sintonia com a missão, não deixa de ser uma utopia, mas só pode ser entendida quando vivenciada por todos que compõe a escola. No entanto, há quem entenda a pastoral escolar como *exclusividade*<sup>165</sup>, quando “a pastoral é vista como um corpo estranho na escola”<sup>166</sup>, o que acontece muito quando os membros da comunidade escolar estão voltados para uma obrigação formativa científica e apenas toleram a pastoral – por ser propriedade de alguma instituição religiosa, por exemplo –, esta aparecendo no contexto educacional apenas em momentos em que se espera algo dela, como em missas, orações e celebrações “de calendário”.

Outra forma de incluir a pastoral no ambiente escolar é a *complementariedade*<sup>167</sup>, nesse caso, ela já é considerada um setor, mas só atua quando o pedagógico não alcança seu objetivo, “é como se a pastoral complementasse o que o pedagógico deixou em aberto, e vice-versa”.<sup>168</sup> Essa relação coloca a pastoral como uma opção em caso de necessidade.

A *reciprocidade*<sup>169</sup> é outra possibilidade nessa relação entre pastoral e escola. Aqui já aparece uma interação que “vai além e possibilita a troca de pressupostos”<sup>170</sup>, mas que é enfraquecida por não haver profissionais da educação com formação específica para trabalharem nas escolas como agentes de pastoral, com preparo para proporcionar ações e planejamentos em vista de uma relação de *imbricação*<sup>171</sup>, resultando no que chamamos de projeto pedagógico-pastoral: “a categoria pedagógico-pastoral quer chamar a atenção aos profissionais da educação para uma nova composição dos processos de ensino-aprendizagem, além de competências e habilidades, também valores e espiritualidade”.<sup>172</sup>

---

<sup>164</sup> BALBINOT, 2011, p. 52.

<sup>165</sup> BALBINOT, 2011, p. 57.

<sup>166</sup> BALBINOT, 2011, p. 57.

<sup>167</sup> BALBINOT, 2011, p. 58.

<sup>168</sup> BALBINOT, 2011, p. 58.

<sup>169</sup> BALBINOT, 2011, p. 58.

<sup>170</sup> BALBINOT, 2011, p. 58.

<sup>171</sup> BALBINOT, 2011, p. 58.

<sup>172</sup> BALBINOT, 2011, p. 58.

A Igreja Católica vem buscando, desde o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), retomar sua ação missionária. Essa realidade diz respeito às escolas católicas, que são chamadas a

[...] realizar sua transformação conforme a exigência apresentada em Aparecida quando [esta] aponta: 'A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de *uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária*' (DA 370). Nesse sentido, a Escola Católica deve deixar de ser uma *escola com pastoral* (ou seja, que se define como católica somente por atividades religiosas e litúrgicas isoladas e pontuais) para ser uma *escola em pastoral*. Esta escola desenvolve a educação na fé de maneira 'integral e transversal *em todo o currículo*, levando em consideração o processo de formação para encontrar a Cristo e para viver como discípulos e missionários e inserindo nela verdadeiros processos de iniciação cristã' (DA 338).<sup>173</sup> (grifo nosso)

Essa "exigência", da Igreja Católica Latino-Americana, significa uma verdadeira desacomodação para as escolas católicas que procuram assumir uma missão eclesial e aceitam trabalhar dentro da perspectiva da educação integral. Chama a atenção a superação do modelo de escola que tem um serviço de orientação religiosa (conhecido antigamente como SOR) ou uma identidade mantida apenas pela presença de religiosos e tradições inquestionáveis.

A Igreja movimenta-se no intuito de motivar as instituições, ligadas a ela, para caminharem na direção de ações evangelizadoras, missionárias e transversais, considerando em todo o currículo a pedagogia de Jesus Cristo: "a escola católica trabalha com uma pedagogia atualizada que sabe beber das fontes mais purificadas e dos pensamentos mais críticos, e que não teme articular toda a força da renovação no conhecimento e na ciência com as riquezas da educação cristã e do Evangelho".<sup>174</sup>

Voltando à intenção de definir uma escola em pastoral e considerando essa escola que pensa um currículo integral, podemos pensar uma instituição de ensino onde toda a sua ação é realizada "pedagógica-pastoralmente"<sup>175</sup>, o que significa que na pastoral escolar não se trata apenas de um setor, mas de um impulso para que todos vivam em pastoral, refletindo em um "modo de toda a escola ser".<sup>176</sup> Isso diz respeito à espiritualidade, à identidade, à missão, à viver a confessionalidade que

<sup>173</sup> CELAM, 2011, p. 22.

<sup>174</sup> CELAM, 2011, p. 21.

<sup>175</sup> BALBINOT, 2011, p. 59.

<sup>176</sup> BALBINOT, 2011, p. 59.

exala pelo ar, como foi dito no capítulo anterior na definição de uma educação confessional.

É claro que esta proposta “não se concretiza somente com discursos ou com uma equipe de pastoral na escola que insista na sua importância”.<sup>177</sup> Por isso é necessária uma tomada de decisão a nível de gestão, para que a escola em pastoral possa “compor a própria missão da instituição e, assim, cada um de seus projetos ou planos”.<sup>178</sup>

### 2.3.1 Escola Marista em Pastoral

Em nível de gestão, documentos provenientes da Rede Marista falam muito sobre o que se deve encontrar nas instituições de ensino. Por isso, analisando o Projeto Educativo do Brasil Marista, temos uma compreensão do papel que a Pastoral Escolar deve ter nas escolas.

Para categorizar essa análise, foram consideradas referências sobre a pastoral escolar e a missão marista, quando considerada missão partilhada, com base na definição de escola em pastoral apresentada anteriormente.

A escola marista em pastoral precisa da participação de todos os sujeitos para acontecer e esse apelo acontece a partir do carisma do fundador:

Importa lembrar que há um sonho ainda em construção: o sonho de Champagnat de educar amorosamente as crianças, adolescentes, jovens e adultos de todas as culturas, raças, gêneros e etnias e dizer-lhes do amor de Jesus por eles. A construção desse sonho exige o compartilhamento de utopias e desejos, abertura de coração e flexibilidade de pensamento dos homens e das mulheres maristas, hoje responsáveis pela missão do Instituto. Exige também que cada um desses homens e mulheres reconheça o desafio de *se assumir como sujeito da missão e de se responsabilizar por ela*, a partir de suas próprias vocações e de seu papel e modo de pertença ao Instituto. (grifo nosso)<sup>179</sup>

A escola em pastoral não pode acontecer apenas em algumas situações ou com intervenções de apenas um setor e é nesse sentido que se faz necessária a corresponsabilidade de todos os colaboradores maristas, que precisam contribuir porque os “esforços para integrar a fé com o projeto de educação das novas gerações devem ser bem visíveis às pessoas que entram em contato com qualquer

---

<sup>177</sup> BALBINOT, 2011, p. 61.

<sup>178</sup> BALBINOT, 2011, p. 61.

<sup>179</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 35.

uma de nossas obras apostólicas”.<sup>180</sup> Isso nos faz concluir que o desejo desse projeto educativo não é só colocar a escola em pastoral como ideal, mas colocá-la como serviço essencial que precisa ser visto e vivido. Os processos pedagógicos são chamados “processos pedagógicos pastorais”<sup>181</sup>, justamente no intuito de unir o pedagógico e pastoral em todos os pontos.

Na dimensão operacional do projeto educativo, há um espaço especialmente destinado às orientações sobre ser escola em pastoral. Está presente no tópico de “opções político-pedagógico-pastorais do projeto”, que esclarece que

Em relação às práticas educativas, será preciso integrar rigor científico, excelência acadêmica, formação cristã, cultura da solidariedade e da paz, sensibilidade estética, formação política e ética, ação pastoral e consciência planetária, superando-se as dicotomias e barreiras entre as múltiplas dimensões no *espaçotempo*<sup>182</sup> escolar. Não se trata de escolher, por exemplo, entre a excelência e o rigor ou a formação cristã, mas sim ter claro que é necessário integrar essas diversas opções político-pedagógico-pastorais na concepção de escola e em sua gestão.<sup>183</sup> (grifo do autor)

Essa integração é a escola em pastoral acontecendo. A opção por desenvolver um projeto integrado torna a educação confessional mais autêntica, quando é percebida, vivida, mas não é invasiva, no sentido de limitar outros aspectos importantes da educação formal. A partir dessa opção, o projeto educativo apresenta “configurações” assumidas pelas escolas maristas, entre elas: “*espaçotempo* de pastoral que articula a fé, cultura e vida: da pedagogia do amor, da presença, da escuta/diálogo, do cuidado, da solidariedade, do anúncio da Boa Nova”.<sup>184</sup> Em seguida, há a afirmação de que essa configuração se trata da exigência de que as escolas sejam escola em pastoral, com a proposta de

[...] impregnar os conteúdos e as práticas com os valores evangélicos e construir *espaçotempos* de atuação dos sujeitos da escola a partir desses valores na comunidade educativa interna e nos espaços públicos. Desenvolve-se, assim, uma mentalidade cristã aliada a uma consciência crítica, para se relacionar e atuar na sociedade.<sup>185</sup> (grifo do autor)

<sup>180</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 37.

<sup>181</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 60.

<sup>182</sup> A escola é compreendida como *espaçotempo*, pois se materializa num tempo e lugar localizados, precisos, específicos, numa história e geografia cotidianas, nas quais nos formamos como sujeitos da educação – da educação marista. Cf. PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 53.

<sup>183</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 67.

<sup>184</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 67.

<sup>185</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 67.

A escola em pastoral é, claramente, a opção da Rede Marista para viver sua confessionalidade. Há, nesse documento, uma definição clara do que ela entende e espera de uma escola em pastoral, sendo importante partilharmos, aqui, para uma melhor compreensão de como acontece o equilíbrio entre religião e educação nessa rede de ensino confessional católica:

No sentido estrito, pastoral é a “ação dos pastores”. No sentido amplo, é a ‘ação do Povo de Deus’ (pastores e demais fiéis, cada um de acordo com seu carisma), que prolonga, na história, a presença e a atuação do Senhor Jesus como revelador e libertador dos homens”.<sup>186</sup> Aplicando tal conceito à escola, teríamos a *pastoral escolar*, entendida como pastoral *da* escola e não pastoral *na* escola. Esta consistiria somente na promoção de algumas atividades pastorais, como o ensino religioso, a catequese, celebrações, etc., sem atingir o todo da escola. Pastoral da escola, entretanto, é o que se observa numa Escola em Pastoral, isto é, numa escola evangelizada e evangelizadora, na qual o projeto político-pedagógico-pastoral proporciona a síntese entre fé e cultura e o saber à luz da fé torna-se sabedoria e visão de vida.

Numa Escola em Pastoral, as diversas disciplinas não apresentam somente um saber a adquirir, mas também valores por assimilar e verdade a descobrir. Não há momentos de aprendizagem e momentos de educação, momentos de conceituação e momentos de sabedoria. Tudo é formativo, gerando um profundo e autêntico *ecossistema educativo evangelizador cristão* – e marista, em se tratando de uma escola marista. Uma escola não é católica só porque nela são dadas aulas de ensino religioso ou de catequese, nem é marista pela simples razão de ser mantida pelos Irmãos Maristas, mas por tudo que ela é, faz e diz. De fato, não são tanto as palavras que educam e evangelizam, mas a vivência do educando numa estrutura educativa e evangelizadora.<sup>187</sup> (grifos do autor)

Essa declaração, em um projeto educativo em rede, de alcance nacional, não deixa dúvida da opção da escola pela escola em pastoral como método evangelizador. É o que a Rede Marista espera de suas escolas, que são organizadas de forma a viver a unidade na execução desse projeto. Por isso, a “gestão da Rede Marista de Educação Básica e de suas escolas abrange e integra os aspectos políticos, administrativos, financeiros, pedagógicos e pastorais implicados na efetivação da missão educativa”.<sup>188</sup>

É importante notar que a responsabilidade é dividida entre todos os sujeitos da escola marista. Essa é uma condição importante da escola em pastoral, como já foi explorado anteriormente. Ao educador cabe exercer “liderança profissional e

<sup>186</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 2.

<sup>187</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 67.

<sup>188</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 71.

pastoral”<sup>189</sup> e “realizar o próprio ofício com competência técnica, humana e política a partir da ética cristã, fundamentada na acolhida, no respeito ao outro e na corresponsabilidade institucional”.<sup>190</sup> Ao estudante cabe o compromisso de “organizar-se pessoal e coletivamente para participação nos processos pedagógicos-pastorais de natureza curricular e extracurricular”.<sup>191</sup> Dos gestores espera-se, entre suas atribuições, que possam “tomar e negociar decisões, fundamentando-as em conhecimentos atualizados sobre educação, evangelização e gestão”.<sup>192</sup> Também dos gestores espera-se uma importante responsabilidade nesse sentido. São eles que vão impulsionar a aplicação o projeto educativo nas unidades que administram. Sobre isso, há instruções claras:

Na Rede Marista de Educação Básica, os gestores ‘[...] são desafiados a ser pessoas de visão, a viver o núcleo dos valores maristas e a guiar outros a vivê-lo. Mais do que qualquer um, representam Marcelino Champagnat para a comunidade educativa, conduzindo-a com confiança e otimismo, animados pela espiritualidade apostólica marista’<sup>193 194</sup>.

Já os colaboradores, no geral, são considerados como parte da missão, identificados “com o carisma e o estilo de Marcelino Champagnat de, em parceria com os Irmãos, tornar Jesus Cristo conhecido e amado”, procurando viver “unidos em torno de um conjunto de valores comuns, fundamentais ao ideal e à prática educativa marista”<sup>195</sup> e assumindo a função de “viabilizar a Missão Institucional sob a perspectiva de seu cargo e função, contribuindo para o alcance dos objetivos e metas institucionais”.<sup>196</sup>

A viabilidade de uma escola em pastoral, no Projeto Educativo da Rede Marista, ainda perpassa as metodologias curriculares, quando reserva espaço para tal através dos projetos de intervenção social, que “compreendem trabalhos desenvolvidos ao longo do processo curricular que articulam os *espaçotempos* da aula com questões políticas, sociais e ambientais, aproximando-se do sonho de

<sup>189</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 72.

<sup>190</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 73.

<sup>191</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 75.

<sup>192</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 77.

<sup>193</sup> COMISSÃO INTERPROVINCIAL DE EDUCAÇÃO MARISTA (1995-1998). *Missão Educativa Marista: um projeto para nosso tempo*. Tradução Manoel Alves e Ricardo Tescarolo. 3. ed. São Paulo: SIMAR, 2003. p. 66.

<sup>194</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 76.

<sup>195</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 78.

<sup>196</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 79.

Champagnat".<sup>197</sup> (grifo do autor) e no uso das tecnologias e linguagens, integrando diferentes mídias e recursos aos processos pedagógico-pastorais.<sup>198</sup>

Em nível de Província, a fim de orientar para a evangelização em conformidade com o Projeto Educativo, o documento Diretrizes da Ação Evangelizadora da PMRS (2010-1017) é bem completo e organizado, de forma a não deixar dúvidas do que a Rede Marista espera das unidades em relação à evangelização e à pastoral escolar.

No primeiro capítulo (ver) encontramos uma abordagem sobre espiritualidade e missão marista na atualidade, refletindo as mudanças culturais e temporais, a questão das juventudes e do diálogo inter-religioso. Ao desenvolver o tema da evangelização e mudança de época, o texto reafirma a escola em pastoral:

Considerando os aspectos da fé e do carisma, trabalhamos para que nossas Unidades *sejam e estejam em pastoral*. *Estar em pastoral* é contribuir na missão de construir o Reino de Deus, agindo pela força do evangelho, *com um jeito marista*. Essa missão se realiza em contextos socioculturais que têm características próprias, mas que, também, são influenciados pelas propostas culturais globais, que atingem as pessoas.<sup>199</sup> (grifo nosso)

Assim como consta no Projeto Educativo, também as Diretrizes da Ação Evangelizadora reforçam que a escola em pastoral é tarefa de todos que integram a escola:

Não se trata de demarcar espaços geográficos, mas de atingir e modificar, não de qualquer modo, e sim pela força do evangelho, critérios, valores, interesses, pensamentos e modo de vida da pessoa, da comunidade e da sociedade. Esta missão não é apenas do setor responsável pela pastoral, mas de todos os envolvidos com o carisma marista.<sup>200</sup>

Aparecem de forma forte, ainda, os critérios de evangelização. São fundamentos e balizadores da ação educativo-evangelizadora que determinam, sem deixar dúvidas, por onde a Rede Marista quer caminhar no que se refere à evangelização nas escolas. Destacamos os seguintes critérios:

- Jesus Cristo: é a fonte e o centro da ação evangelizadora.
- Maria: é caminho que nos leva a Jesus.

<sup>197</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 84.

<sup>198</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 77.

<sup>199</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 18.

<sup>200</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 54.

- Marcelino Champagnat: é a inspiração para a nossa ação educativo-evangelizadora.
- Organização pastoral: a ação evangelizadora exige estruturas de animação e coordenação – recursos humanos, físicos, materiais, financeiros.
- Planejamento pastoral: a ação evangelizadora deve ser planejada, levar à participação e ao envolvimento comunitário.
- Acompanhamento pastoral: a palavra acompanhar significa 'comer do mesmo pão', apontar para a mesma direção. Não há processo de amadurecimento na fé sem acompanhamento.<sup>201</sup>

A partir dos critérios, acima mencionados, vemos que, em termos de orientação para a ação evangelizadora e escola em pastoral, a Rede Marista está bem estruturada, apresentando subsídios claros e demonstrando uma postura bem definida diante de seus objetivos enquanto Instituto confessional. Um documento como este, analisado aqui, oferece uma estrutura bem sólida para a ação pastoral nas escolas, dando condições aos coordenadores e agentes de pastoral de articularem projetos e viabilizarem oportunidades para o desenvolvimento e a vivência de uma escola em pastoral.

Uma mostra disso é a proposta de ação que encontramos na “Prioridade 5” das Diretrizes: “Garantir a participação do setor de Pastoral no planejamento de todos os processos educativos”<sup>202</sup>, o que significa que, para a Rede Marista, o Serviço de Pastoral deve fazer parte dos conselhos, das coordenações e estar inserido na escola da mesma forma que os demais setores pedagógicos, conferindo importância e visibilidade à pastoral.

O Serviço de Pastoral Escolar do Colégio Marista Pio XII está bastante presente no dia-a-dia da instituição. É o que mostra seu Plano de Pastoral 2014. Com doze projetos listados, cada um com uma média de três atividades cada, o plano contempla toda a comunidade educativa e envolve seus membros de formas variadas, tendo no horizonte de seus objetivos alcançar a escola em pastoral. Por exemplo, o projeto “Orações e Celebrações” engloba as seguintes atividades: orações com professores e funcionários diariamente, oração com os estudantes no início de cada turno, orações no circuito interno de televisão, celebrações litúrgicas internas (na capela da escola semanalmente, celebração de Páscoa, Ação de Graças, missas de formatura...), celebrações litúrgicas externas (missas na paróquia, da Pastoral da Educação da Diocese...), oração do rosário interativo pela

---

<sup>201</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 55-56.

<sup>202</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 62.

Rádio Aliança (FM 106.3), orações nas reuniões pedagógicas e com as famílias, entre outras. Há ainda outros projetos como de formação com estudantes, com colaboradores, com as famílias dos estudantes, retiros, concurso bíblico, Dia de Champagnat, gincana, ato solidário e a Pastoral Juvenil Marista – PJM – que se desdobra em outros seis projetos, atingindo um público de estudantes que vai desde o 7º ano do Ensino Fundamental, até o 3º ano do Ensino Médio.

No Plano de Pastoral, chama a atenção que, na apresentação do documento, há um espaço para o diagnóstico do cenário externo, suas oportunidades e ameaças, e do cenário interno, seus pontos fortes e fracos. Sobre o cenário externo, destacamos, entre as oportunidades, a integração do Serviço de Pastoral da escola com a Pastoral Escolar da Diocese, o forte carisma e acolhimento dos maristas em Novo Hamburgo, o trabalho pela vivência da escola em pastoral envolvendo toda a comunidade. Entre as ameaças está: muitas famílias não vivenciam os valores cristãos, valorização maior do “ter” do que do “ser” e dificuldade de relacionar a fé (valores) com a vida (prática). No cenário interno, destacamos, entre os pontos fortes: o “espírito de família” entre os sujeitos que integram a escola, o protagonismo dos jovens e a participação da Pastoral Escolar em todos os eventos, atividades e reuniões da escola. Entre os pontos fracos estão: a preocupação dos estudantes em passar ridículo, não participando abertamente das atividades propostas, falta de comprometimento por parte de colaboradores que não assumem a missão da instituição, ainda é necessário aproximar mais ações pedagógicas e pastorais para viver a escola em pastoral.

Estes aspectos, levantados no diagnóstico dos cenários de atuação do Serviço de Pastoral Escolar, evidenciam que há uma certa distância entre o que os documentos orientam e esperam, do que realmente é conquistado como prática no cotidiano da escola. Vemos como certas realidades impedem de se tirar do papel algumas propostas com total êxito. A resistência de alguns sujeitos, principalmente educadores e estudantes, em fazer parte da proposta de escola em pastoral, é a situação de muitas escolas, e no Colégio Marista Pio XII parece não ser diferente.

Na introdução do Plano, no aspecto do “agir”, vemos a preocupação do Serviço de Pastoral Escolar em cumprir seu papel de líder na promoção da escola em pastoral, ao mesmo tempo em que assume a dificuldade para chegar ao resultado esperado e idealizado nos documentos: “O agir na Pastoral Escolar é

bastante dinâmico, flexível e envolve a comunidade para uma Escola em Pastoral. É verdade que ainda não chegamos ao ideal, mas trabalhamos com o real, buscando atingir nossas metas e realizar plenamente a nossa missão.”<sup>203</sup> Também salienta que não pode estar sozinho nessa tarefa, enfatizando que os demais setores precisam colaborar, provavelmente, mais do que costumam colaborar: “[...] quando se pensa em uma Escola em Pastoral, precisamos ter o grupo todo coeso e unido na tomada de decisões e na ação com foco na evangelização e cultivo dos valores maristas e cristãos, isto é, a unidade na diversidade.”<sup>204</sup>

Quanto ao Regimento Escolar do Colégio, há uma breve citação no Capítulo II, Art. 8º, do Projeto Educativo como sendo político, pedagógico e pastoral, “por assumir como opção um compromisso sociopolítico com uma educação de qualidade, intercultural e evangelizadora para crianças, adolescentes, jovens e adultos no contexto contemporâneo”.<sup>205</sup>

Mais adiante, no Capítulo I, Título II – Da organização administrativa e pedagógica –, há a Seção VI: Do Serviço de Pastoral Escolar, determinando que:

Art. 38 O Serviço de Pastoral Escolar é responsável pela dinamização do processo de evangelização, à luz das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Instituição Marista, das diretrizes e orientações da Igreja, em consonância com os Serviços de Coordenação Pedagógica, Orientação Educacional e Coordenação de turno.

Art. 39 A coordenação do Serviço de Pastoral Escolar é exercida por profissional com graduação e com experiência pastoral e o (s) agente (s) do Serviço de Pastoral Escolar é (são) admitido (s) pelo Diretor, em consonância com a Assessoria de Pastoral da Província.<sup>206</sup>

No Art. 40 há as competências do Serviço de Pastoral Escolar, que são dezessete. Entre elas, destacamos: a de coordenar, elaborar, implementar e acompanhar o Plano de Pastoral do Estabelecimento de Ensino; de proporcionar e animar o aprofundamento e a vivência do carisma marista; capacitar os educadores de forma que a educação na fé seja integral e transversal em todo o currículo, de envolver a Comunidade Escolar no processo de evangelização, de promover a

---

<sup>203</sup> SERVIÇO DE PASTORAL ESCOLAR, 2014, p.10.

<sup>204</sup> SERVIÇO DE PASTORAL ESCOLAR, 2014, p. 10.

<sup>205</sup> REGIMENTO ESCOLAR, 2011, p. 10.

<sup>206</sup> REGIMENTO ESCOLAR, 2011, p. 22-23.

integração do Estabelecimento de Ensino com a comunidade eclesial local e de favorecer o diálogo ecumênico e inter-religioso.<sup>207</sup>

Estas competências, juntamente com as demais, não transcritas, demonstram haver coerência entre os documentos da Rede Marista, provenientes da PMRS, com o que o Colégio Marista Pio XII determina como regimento a ser seguido e como o Serviço de Pastoral Escolar organiza seu planejamento, isto é, há condições efetivas, por parte da escola, para que o Projeto Educativo e a Ação Evangelizadora aconteçam em termos de pastoral escolar e escola em pastoral.

## 2.4 Escola Marista com Identidade Marista

*A escola confessional católica em pastoral por si só já carrega grandes responsabilidades. O que significa assumir esse papel e ainda carregar a identidade marista?*

O Irmão Alfredo Pascual Crestani, dirigindo-se aos educadores do Colégio Marista Pio XII – entre eles, professores, funcionários e gestores –, no início deste ano de 2014, assim definiu a intenção marista: “vestir a camiseta marista significa ter consciência clara de que, seja qual for a função específica, precisa evangelizar pelo seu modo de exercê-la”, e mais: “escola marista em pastoral é aquela em que todos os educadores contribuem positivamente para a evangelização, pois somos todos pastores, fazemos pastoral, porém, cada um a seu modo”.<sup>208</sup>

Nessa fala, o Irmão Crestani remonta ao educador apontado por Rubem Alves:

O educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos. O professor ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas.<sup>209</sup>[...] Talvez que um professor seja um funcionário das instituições... O educador, ao contrário, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos.<sup>210</sup>

<sup>207</sup> REGIMENTO ESCOLAR, 2011, p. 23.

<sup>208</sup> Palestra proferida na Jornada Pedagógica para os educadores do Colégio Marista Pio XII em 14 de fevereiro de 2014, na qual foi oferecida a apresentação do palestrante como registro.

<sup>209</sup> ALVES, Rubem. In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 18-19.

<sup>210</sup> ALVES. In: BRANDÃO, 1998, p. 28.

O educador, assim, não é definido por sua função de professor em sala de aula, mas pelo seu papel de educar e promover educação no contato com estudantes, famílias, colegas, independente da sua função na escola. Nessa concepção, todas as pessoas envolvidas no processo educativo são educadores em prol do mesmo projeto, desde a portaria e a recepção, até a coordenação pedagógica e a direção.

Nesse ponto, a Rede Marista é bastante enfática e percebe-se essa visão de educação a partir de ações simples que se destacam diante de outras instituições escolares, como a participação de todos os funcionários e colaboradores em diversos momentos da jornada pedagógica de início de ano letivo – palestras, atividades e planejamentos –, de reuniões gerais, de retiros e formações, festas e confraternizações na escola.

O próprio “Manual de Integração”<sup>211</sup>, entregue a todos os funcionários quando são contratados, inicia a listagem de informações e recomendações dando boas-vindas ao colaborador chamando-o: “prezado educador marista” e incluindo-o desde aquele momento como corresponsável<sup>212</sup> na missão:

Com este manual você poderá conhecer um pouco sobre a instituição da qual agora você faz parte. A partir deste momento, a Educação Marista conta contigo para viver e levar adiante um desafio que transcende o tempo e marca a vida de meio milhão de crianças, jovens e famílias em mais de 70 países. Ser educador marista, independente da atividade que você exerça, é estar direta ou indiretamente comprometido com a missão de dar continuidade ao sonho de Marcelino Champagnat, fundador do Instituto. É fazer parte de uma grande família que se move no ideal de construir uma sociedade mais justa por meio da educação.<sup>213</sup>

Essa é uma das singularidades da *pedagogia marista*<sup>214</sup>, que tem por base o zelo com a pedagogia herdada do Padre Marcelino Champagnat e reproduz seus princípios educativos, atualizados para as necessidades dos dias atuais.

Para se compreender bem essa pedagogia, seriam necessárias muitas páginas destinadas a contar e refletir a biografia desse santo da Igreja Católica, que

---

<sup>211</sup> REDE MARISTA DE EDUCAÇÃO E SOLIDARIEDADE. Manual de Integração. Recursos Humanos. Porto Alegre. S/d.

<sup>212</sup> Em torno da mesma mesa: A vocação dos leigos maristas de Champagnat. Roma: C.S.C GRAFICA, 2009. p. 42.

<sup>213</sup> REDE MARISTA DE EDUCAÇÃO E SOLIDARIEDADE, S/d, p. 5.

<sup>214</sup> PUJOL, Josep Maria Escorihuela et al. Tradução de Paulo Moretti. O educador marista: sua identidade, seu estilo educativo. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

fundou uma congregação de religiosos para cuidar, educar e evangelizar crianças e jovens, especialmente os mais empobrecidos. Mas é importante saber que

No pensamento do Pe. Marcelino Champagnat, educar é promover o desenvolvimento integral da pessoa, cultivando todas as suas dimensões. É facilitar à criança e ao jovem a consecução dos valores que o humanizam e o personalizam, tais como o conhecimento, a sociabilidade, a liberdade, a responsabilidade, a transcendência, para serem 'bons cristãos e virtuosos cidadãos'.<sup>215</sup>

A obra pedagógica e evangelizadora marista apresenta duas faces: uma obra viva e uma obra histórica, característica presente desde o tempo dos primeiros irmãos, como revela uma revista em 1836: “[Os irmãos maristas] Seguem mais ou menos o mesmo modo de ensinar que os Irmãos das Escolas Cristãs, sem rejeitar os novos métodos que a experiência tenha demonstrado como vantajosos.”<sup>216</sup>

Há ainda um conjunto de características<sup>217</sup> que, em conjunto, representam a pedagogia marista. São elas:

- *Pedagogia integral*, que une a aquisição e o cultivo da fé e do saber, a partir da visão de Champagnat. É integral, pois “supera simplesmente a dimensão acadêmica, não por omissão, mas por transcendência. Todos os aspectos humanos têm que ser atendidos”.<sup>218</sup>
- *Pedagogia marial*, é o caminho para conduzir os sujeitos a Jesus por meio de Maria, vivendo suas virtudes. Tem Maria como modelo de educadora por educar o Cristo em mansidão, caridade e abnegação.
- *Pedagogia de presença*, é indispensável estar sempre em meio aos educandos e assegurar que o tempo de convívio seja prolongado. É uma pedagogia que traz consigo uma importante carga de acompanhamento, afetividade e amizade entre educadores e estudantes.
- *Pedagogia de simplicidade*, como característica importante do Instituto Marista, significa valorizar as atitudes simples, os pequenos gestos e estar atento aos detalhes. É se colocar como igual e trabalhar junto, sem

<sup>215</sup> COMISSÃO INTERPROVINCIAL MARISTA DE EDUCAÇÃO, S/d. p. 4.

<sup>216</sup> PUJOL et al., 2008, p. 80.

<sup>217</sup> PUJOL et al., 2008, p. 80-119.

<sup>218</sup> PUJOL et al., 2008, p. 85.

ostentação, dando exemplo de simplicidade e reconhecendo que nunca se está pronto.

- *Pedagogia de vida de família*, também conhecida entre os maristas como “espírito de família”. É expressa no desejo de Champagnat de fundar a congregação marista como uma família em torno de Maria, reunindo todos os membros em sentimentos de abnegação, serviço, amor evangélico, cuidado, atenção e interesse uns pelos outros.
- *Pedagogia do trabalho e da constância* (ou amor ao trabalho), entende o valor do trabalho e do estudo e o perigo da ociosidade e da preguiça. “É uma pedagogia de constância, esforço, reiteração e repetição [...]. Nesta pedagogia não se leva em conta o número de horas, nem a quantidade de exercícios feitos, corrigidos e desenvolvidos [...], a pedagogia do trabalho entende que se requerem o esforço e a constância, que rejeita a facilidade excessiva, o dar tudo pronto [...]”<sup>219</sup>
- *Pedagogia participativa*, propõe “uma pedagogia em que o educando, artífice de seu próprio crescimento, se assume como protagonista, envolvendo-se ativamente no processo educativo pessoal e de grupo”.<sup>220</sup>
- *Pedagogia do testemunho*, valoriza o testemunho pessoal e comunitário do compromisso cristão, de bom cidadão, além da vivência de valores de fé, cultura e vida.
- *Pedagogia para a vida*, considera o “que o educando aprenda a aprender, a partir da vida, [...] evitando uma aprendizagem distante da realidade”<sup>221</sup>, já que o ser humano continua se formando a cada dia. “Esta pedagogia de educar a partir da e para a vida orienta também a formação religiosa, que queremos que se traduza em uma ética concreta e não em princípios abstratos.”<sup>222</sup>
- *Pedagogia para a solidariedade*, é caracterizada “por uma particular sensibilidade frente às situações de pobreza, carências e injustiças que

<sup>219</sup> PUJOL et al., 2008, p. 104.

<sup>220</sup> COMISSÃO INTERPROVINCIAL MARISTA DE EDUCAÇÃO, S/d. p. 15.

<sup>221</sup> COMISSÃO INTERPROVINCIAL MARISTA DE EDUCAÇÃO, S/d. p. 15.

<sup>222</sup> COMISSÃO INTERPROVINCIAL MARISTA DE EDUCAÇÃO, S/d. p. 16.

surgem na sociedade”<sup>223</sup> e é marcada “pela preferência pelos mais fracos, pela delicadeza no trato, pela entrega generosa, pela não discriminação”.<sup>224</sup>

Outra forte marca da pedagogia marista é a *disciplina e autoridade paternal*<sup>225</sup>, sendo que “não se pode falar de uma disciplina uniforme, mas de princípios disciplinares, estes adaptáveis e passíveis de revisão, inclusive sob o aspecto da necessidade e da adequação”.<sup>226</sup> A disciplina, que confere as regras e as cobranças à pedagogia marista, aparece ao lado da bondade paternal, da educação amorosa e do exemplo que reforça a autoridade.

São Marcelino Champagnat prezava pela educação firme, mas com amor, como mostram alguns de seus pensamentos: “Para bem educar os alunos é preciso amá-los e amá-los todos igualmente”; “É prestar grande serviço aos alunos e à educação, corrigir os vícios e incentivar a prática do dever”.<sup>227</sup>

Assim, presume-se uma educação em sintonia com o carisma marista, com uma identidade bem marcada, através dos esforços de unidade e de continuidade de um legado de quase 200 anos.

#### 2.4.1 “Marista em todos os sentidos”

As características da educação confessional católica e marista se fazem presentes no projeto educativo da rede, como vimos anteriormente. Algumas diretrizes para ações que levem a identificar o carisma marista estão presentes em seus documentos, como vemos a seguir.

Entre as finalidades do Projeto Educativo do Brasil Marista consta: “estabelecer e consolidar a Rede Marista de Educação Básica, garantindo a unidade e a identidade das políticas institucionais maristas nas Mantenedoras e suas mantidas”<sup>228</sup>; “dar a conhecer à comunidade interna e à comunidade externa a identidade institucional marista”.<sup>229</sup> Essas finalidades revelam o desejo de

<sup>223</sup> COMISSÃO INTERPROVINCIAL MARISTA DE EDUCAÇÃO, S/d. p. 16.

<sup>224</sup> COMISSÃO INTERPROVINCIAL MARISTA DE EDUCAÇÃO, S/d. p. 16.

<sup>225</sup> PUJOL et al., 2008, p. 109.

<sup>226</sup> PUJOL et al., 2008, p. 109.

<sup>227</sup> FAUSTINO JOÃO, 1998, p. 61.

<sup>228</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 15.

<sup>229</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 16.

construção de um projeto educativo que saia do papel e tome conta do “espírito” das escolas e das pessoas que dão vida a elas.

Neste ano de 2014, os colégios maristas estão vivendo a campanha de fidelização e captação de alunos (FiCa) com o tema “Aprendemos de todos os jeitos”, na qual toda oportunidade é usada para representar um importante aprendizado:

Para a campanha, todos os colégios selecionaram estudantes e famílias, que revelam os seus jeitos maristas de aprender, por meio de fotos e depoimentos. Nas ruas, o conceito “Aprendemos de todos os jeitos” aparece relacionado com mensagens que interagem com as mídias. Em vans escolares e ônibus “Ser consciente no trânsito – Aprendemos de todos os jeitos”; em bancas de revistas “Ler o mundo – Aprendemos de todos os jeitos”; ao lado da Santa Casa de Porto Alegre “Ser voluntário no hospital – Aprendemos de todos os jeitos”; no aeroporto “Viajar pelo mundo – Aprendemos de todos os jeitos”; entre outras chamadas em mídia exterior, brindes e materiais.<sup>230</sup>

Como marca da campanha, para fins de elaboração de materiais, quatro foram os temas escolhidos: construir novos conhecimentos, compartilhar valores, desenvolver talentos e cuidar da vida (Anexo 3). Já como Posicionamento interno da Rede Marista, para fins de lançamento entre educadores e colaboradores, a campanha “Maristas em todos os sentidos” teve a missão de emocionar e envolver a todos em mais um ano de trabalho e comprometimento, destacando os valores maristas e reanimando o orgulho de pertencer à obra que São Marcelino Champagnat começou. A música *Marista em todos os sentidos* traz a força desse sentimento em sua letra (Anexo 3) e melodia: “Sou marista pra viver, pra sentir, ouvir e ver, sou marista em todos os sentidos.”

A música, citada acima, representa um pouco da pedagogia marista na educação: ela está presente nas escolas da rede em todos os sentidos. A começar pelo sentido missionário: “Na educação marista, tal missão [de todo cristão: ser presença evangelizadora] se reveste de um significado ainda mais profundo, pois nos inspiramos em Marcelino Champagnat, para quem o núcleo da nossa ação é

---

<sup>230</sup> Cf. Colégios da Rede Marista lançam Campanha de Fidelização e Captação de Estudantes. Disponível em: <[http://www.propagandars.com.br/noticias\\_abrir.php?ct=1&id=15509](http://www.propagandars.com.br/noticias_abrir.php?ct=1&id=15509)>. Acesso: 10 dez. 2013.

‘tornar Jesus Cristo conhecido e amado’. Essa é a essência do Projeto Educativo do Brasil Marista.”<sup>231</sup>

Além disso, chama a atenção a diferenciação da pedagogia marista para “outras pedagogias”, especialmente, porque é considerada um método pedagógico<sup>232</sup>, não uma teoria, o que confere a ela uma leitura prática em relação às situações escolares.

No projeto educativo, observa-se que a pedagogia marista é a síntese das necessidades cognitivas e educacionais, de todas as realidades, com os valores do Instituto: amor ao trabalho, audácia, espírito de família, espiritualidade, presença, simplicidade e solidariedade<sup>233</sup>, como vemos a seguir:

[...] os princípios da educação marista sobreviveram a diferentes contingências por duas razões fundamentais: a firmeza da crença do fundador e dos Irmãos Maristas na missão e na flexibilidade para conviver com culturas em constante modificação. [...] A pedagogia marista integra a formação afetiva, ética, social, política, cognitiva e religiosa. [...] A pedagogia marista é, enfim, a pedagogia do amor, da dedicação, da presença, do respeito e das aplicações práticas cotidianas. Apresenta um estilo educativo próprio, diferenciando-se pela *presença*, pelo *espírito de família*, pela *simplicidade*, pelo *amor ao trabalho* e pelo *agir à maneira de Maria*. Ou seja, o jeito marista de educar pressupõe o exercício do amor, da evangelização, da solidariedade e da constante busca por práticas criativas e significativas que atendam às exigências formativas do estudante, considerando sua realidade.<sup>234</sup> (grifo do autor)

Nas páginas que seguem, há importantes movimentos de retomada da essência da pedagogia marista, sempre envolvendo termos e expressões tais como: “evangelizar”, “realidades”, “jeito marista”, “articulação entre fé e vida”, “educação integral”, “solidariedade”, “transformação social”, “missão”, “projeto de vida” e “base no amor”.

Chama a atenção o apelo aos educadores para, como um de seus ofícios, “educar e evangelizar, sendo presença, exemplo e testemunho da prática dos princípios e valores difundidos por São Marcelino Champagnat e do jeito marista de educar”.<sup>235</sup> Novamente o *jeito marista* é lembrado como o conjunto de todos os valores que se encontram na missão da escola confessional de evangelizar por meio

<sup>231</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 36.

<sup>232</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 42.

<sup>233</sup> Cf. Missão, Visão e Valores que inspiram a atuação marista. Disponível em: <<http://maristas.org.br/institucional/missao-visao-e-valores>>. Acesso: 4 out. 2013.

<sup>234</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 43.

<sup>235</sup> PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA, 2010, p. 73.

da educação. É claro que o entendimento e a vivência desse *jeito* de ser dependem muito das ações desenvolvidas nas escolas e a partir das províncias e mantenedoras, mas demonstram serem bastante claros e difundidos a partir do Projeto Educativo.

Nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da PMRS (2010-2017), é muito clara a concepção de educação marista e, sem rodeios, já se apresenta os diferenciais do Instituto: “nossa espiritualidade é mariana e apostólica”<sup>236</sup>, além do ideal de continuar a missão atualizando-a sempre:

Hoje somos continuadores dessa missão. A missão de atualizar o carisma requer que estejamos atentos aos sinais dos tempos, buscando compreender os apelos do Espírito Santo em nossos dias, adaptando nossas metodologias, nossa forma de nos aproximar de crianças e jovens, procurando responder aos desafios da missão de evangelizar pela educação.<sup>237</sup>

Há, ainda, um item, nas diretrizes, orientando sobre as características da educação marista, de forma a reproduzi-la em cada instituição de ensino:

Marcelino se inspirou nas experiências de educação já existentes e deu alguns toques originais à sua proposta educativa, que seguiu sendo adaptada aos diversos ambientes maristas. Uma educação que tem como condição o afeto expresso na frase: ‘Para bem educar, é preciso antes de tudo amar’; uma educação inspirada em Maria, a Boa Mãe. Maria é inspiradora da espiritualidade e da maneira de educar marista: ‘Maria, educadora de Jesus de Nazaré, inspira nossas atitudes para com os jovens’; uma educação integral, atenta ao ser humano em todas as suas dimensões: física, afetiva, cognitiva, comunitária e social, eticovalorativa, estética, transcendente; uma educação envolvida por um ambiente familiar e marcada pelo ‘espírito de família’; uma educação marcada pela humildade, simplicidade e modéstia; uma educação que valoriza a presença; uma educação gradual; uma educação que visa à solidariedade, destinada especialmente às crianças e jovens mais empobrecidos. A missão idealizada por Marcelino contemplava diversas possibilidades como, por exemplo, a educação de crianças surdas-mudas e também de órfãos.<sup>238</sup>

A escola marista parece um tanto utópica na definição acima, mas, com certeza, essa convicção, presente em um “documento diretriz”, faz do “Sonho de Champagnat” uma possibilidade de realidade, se assumida pelos sujeitos que fazem parte da missão educativa. É papel, por exemplo, da instituição marista, liderada pelo Serviço de Pastoral Escolar: “proporcionar o estudo da Espiritualidade

---

<sup>236</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 15.

<sup>237</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 18.

<sup>238</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 49.

Apostólica Marista/mística”; “realizar congressos, simpósios, cursos de Mariologia, Cristologia e do Fundador do Instituto”; “comunicar os valores cristãos e maristas, utilizando os recursos tecnológicos” e “criar espaços para aprofundar temas relacionados à Teologia Pastoral: Maria, Jesus Cristo, Champagnat, Bíblia, Documentos da Igreja, do Instituto e do Patrimônio Espiritual Marista, metodologia, planejamento pastoral, análise da realidade e outros”.<sup>239</sup>

No Plano de Pastoral do Colégio Marista Pio XII, encontramos projetos e atividades que estão de acordo com a proposta das Diretrizes. O planejamento prevê ações relacionadas com os temas acima mencionados, portanto, dão conta da necessidade do Instituto.

Na descrição da escola contém a afirmação de que lá se desenvolve a pedagogia marista, citando o Projeto Educativo para definir essa pedagogia. Nesse mesmo espaço do plano, consta a visão e a missão do colégio:

O Colégio Marista Pio XII tem como visão: “Tornar-se um colégio líder na região em educação integral de excelência, com processos pedagógicos inovadores e compromisso com a gestão e a sustentabilidade.” Sua missão é: “Educar crianças e jovens com competência através de processos criativos e inovadores fundamentados nos valores maristas, despertando nos cidadãos o protagonismo para a transformação social.”<sup>240</sup>

No site da escola, ainda é possível encontrarmos os eixos estratégicos e os macro-objetivos do Plano Estratégico 2012-2022 do Marista Pio XII, além dos valores institucionais que são compartilhados entre todas as unidades maristas e já foram mencionados aqui. Os eixos estratégicos são: Garantir a excelência acadêmica e formação humana; Desenvolver com sustentabilidade; Inovar nos diferenciais e posicionamento; Instituir gestão de pessoas; Fortalecer a Imagem Institucional. E os macro-objetivos são: Garantir excelência acadêmica e qualidade nos serviços com vistas a uma educação integral; Crescer com sustentabilidade ambiental, econômica e social; Implantar política de gestão de pessoas para garantir a atração, formação e retenção de profissionais com perfil e competência distintiva;

---

<sup>239</sup> PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 58-62.

<sup>240</sup> SERVIÇO DE PASTORAL ESCOLAR, 2014, p. 5.

Fortalecer a imagem institucional do colégio estreitando relações com a comunidade.<sup>241</sup>

As expressões “educação integral”, “valores maristas” e “transformação social” tocam “de leve” na função missionária que a escola confessional católica e marista se propõe em seu Projeto Educativo e nas Diretrizes da Ação Evangelizadora, documentos bem atuais e em vigor. Pode-se concluir que a escola está mais focada em outros interesses, talvez pela necessidade de progredir em desempenho acadêmico ou pela necessidade do mercado, mas é notório que a questão da identidade católica e marista ficou nas entrelinhas do seu planejamento estratégico, para ser decifrada no termo “fortalecer a imagem institucional”, pois, se entendemos a imagem institucional como sendo composta da identidade religiosa do colégio, podemos considerar que a intenção é fortalecer a imagem dos valores e da missão evangélica.

O Regimento escolar da instituição traz bem claramente a identidade marista, começando pelos fins e objetivos do regimento, reafirmando que se trata de uma escola de tradição marista, inspirada nos ideais de São Marcelino Champagnat.

No decorrer do texto, encontramos a atribuição: “vivenciar e divulgar a Filosofia Marista” para todos os cargos e funções descritas, desde a direção até os serviços de manutenção e limpeza, demonstrando o compromisso de cada um em fazer parte da equipe da escola, trabalhando para objetivos comuns.

Ao corpo docente são exigidas “competência profissional, ação e postura coerentes com a filosofia e os princípios educacionais maristas e as diretrizes pedagógicas e administrativas do Estabelecimento de Ensino, bem como as demais obrigações inerentes ao exercício da profissão”.<sup>242</sup> E ao corpo discente são garantidos direitos como “conhecer e vivenciar a Filosofia Marista” e deveres, tais como: “participar das comemorações, celebrações religiosas, cívicas e de outras atividades complementares para as quais for solicitado, tendo atitudes de respeito”; “apresentar postura e atitude condizentes que zelem pela boa imagem da instituição”

---

<sup>241</sup> Colégio lança seu Planejamento Estratégico 2012-2022. Disponível em: <<http://colegiomarista.org.br/piouxii/colégio-lanca-seu-planejamento-estrategico-2012-2022>>. Acesso: 25 nov. 2013.

<sup>242</sup> REGIMENTO ESCOLAR, 2011, p. 59.

e “agir em consonância com a Filosofia da Instituição Marista, pondo-se em atitude de respeito e harmonia com o ambiente escolar”.<sup>243</sup>

Dentre as normas de convivência, destacamos que: “não é permitido para o estudante fazer apologias que contrariam os valores da Educação Marista”, sendo que as medidas pedagógicas educativas para normas não respeitadas “constituem recurso para que o estudante compreenda que cometeu uma falta e que foi rompido o elo de solidariedade”.<sup>244</sup>

Assim, o Colégio Marista Pio XII, unidade de ensino da Rede Marista de Educação Básica, procura manifestar sua origem confessional, católica e marista, entre a comunidade escolar.

---

<sup>243</sup> REGIMENTO ESCOLAR, 2011, p. 59-63.

<sup>244</sup> REGIMENTO ESCOLAR, 2011, p. 64.



## CONCLUSÃO

Atualmente, muito mais que em outros tempos, há uma grande preocupação com os resultados da educação na vida cotidiana das pessoas. A busca por sentido, no ser e fazer pedagógico, nos leva a refletir sobre a essência daquilo que julgamos necessário incluir no currículo escolar, ou naquilo que apostamos como importante para o desenvolvimento da pessoa enquanto ser em construção. Educação religiosa, educação confessional e ensino religioso são propostas diferentes no âmbito educacional, representam diferentes formas de intervenção da religião na educação, contribuindo para a realização plena do ser humano.

Na formação de nossa identidade, enquanto indivíduo que é constituído por uma dimensão religiosa, é preciso que tenhamos oportunidades de amadurecer e desenvolver essa dimensão, de forma a sermos capazes de dar sentido à nossa existência, requisito importante para viver a felicidade. Nessa perspectiva, a educação religiosa, a educação confessional e o ensino religioso podem e devem contribuir de forma significativa e fazer a diferença no desenvolvimento humano, cada qual com sua finalidade.

A educação confessional católica tem a oportunidade, atualmente, de passar por um momento de atualização. Cada vez mais, as escolas estão “saindo das sacristias” e tomando seu lugar na sociedade, sem a natural preocupação em perder sua identidade, pelo contrário, reafirmando seu espaço com diferenciais que convergem para um desejo que é de todos: a realização humana e o bem comum.

A própria identidade religiosa da escola, em meio a valores deturpados ou ausência de valores, traz consigo a possibilidade de uma educação para a solidariedade e para a fraternidade que, por si só, já é um grande diferencial.

Essa afirmação não significa que, neste estudo, se ignore os investimentos de muitas escolas laicas em promover esta formação em suas unidades, mas se acredita que não haja opção para a escola confessional: ou ela é um lugar de vivência desses valores e um centro transformador de vidas, ou ela não “é” confessional, apenas denomina-se assim.

Por isso, a ideia que se tinha de que a escola confessional serviria apenas a um público específico ou restrito, na qual a educação oferecida só interessaria às

peças que compartilham da mesma religião, já é superada e entendida como superficial.

É importante que as famílias, ao escolherem a escola de suas crianças, se sintam à vontade com a religiosidade que passará o ensino, e que se manifestará, provavelmente, através de gestos, palavras, músicas, orações, entre outras expressões. No entanto, pode-se concluir que a religiosidade vivida na escola confessional terá muitas contribuições a dar para a criança e o jovem em formação. Além disso, a escola confessional está na sociedade da mesma forma que está “para” a sociedade, procurando, com sua fé e convicção, trabalhar para uma realidade mais humana, justa e feliz.

Às escolas cabe uma reflexão, a partir das considerações apresentadas, sobre como estão gerindo sua confessionalidade. É importante que não percam de vista a sua essência, sua história e sua missão, sem deixar de considerar a diversidade de culturas que as cerca e sua inserção na sociedade de forma ética.

Nesse ponto, as escolas católicas precisam renovar sempre a presença do seu carisma, que é força propulsora para sua espiritualidade e sua missão educativa. E, da mesma forma, continuar a valorizar a contribuição de pessoas que viveram a santidade, deixando um legado de esperança na humanidade, através da educação.

De acordo com a pesquisa realizada nos documentos que regem a prática educativa do Colégio Marista Pio XII, entre eles, dois destinados também às demais escolas da Rede, pode-se afirmar que esta escola tem a possibilidade de equilibrar sua missão educacional e sua missão confessional, expressando seus fundamentos e cultivando sua identidade, conforme está previsto em seu projeto.

As concepções de Deus, Jesus Cristo, Maria Boa Mãe e São Marcelino Champagnat são bastante claras e não permitem interpretações aos interlocutores dos documentos, que têm toda a condição expressa de compreender o sentido da evangelização, como os maristas a percebem e a desejam.

A análise revelou, ainda, que a proposta marista está em sintonia com o que a Igreja Católica vem pedindo atualmente às escolas confessionais: que cumpram seu papel missionário, além do papel educacional. Juntos, os documentos demonstraram maturidade e seriedade na relação entre religião e educação, não

excluindo nenhuma das duas dimensões e alcançando a possibilidade de uma educação integral, como propõem.

O Projeto Educativo do Brasil Marista, em especial, apresentou uma proposta complexa e consistente para a educação nos dias de hoje, abrangendo aspectos sociais, educacionais e religiosos atentos às exigências pós-modernas.

Como o Projeto Educativo, os demais documentos analisados foram construídos em conjunto e contaram com a participação de muitas pessoas envolvidas no processo diário das atividades escolares, o que reforça a pertença de cada um na responsabilidade de tirá-los do papel e trazê-los para o cotidiano, além de manifestar o movimento da instituição para buscar atualização, reflexão e autoavaliação em seus processos pedagógico-pastorais. A própria ideia de um projeto político-pedagógico-pastoral expressa a união dos três aspectos em um só objetivo educacional, trazendo um cuidado todo especial com a confessionalidade católica e marista da rede de ensino.

Esse cuidado é expresso através do conceito de “escola em pastoral”, amplamente difundido e exigido pela Rede Marista em suas escolas como opção e método de vivência da confessionalidade e evangelização da comunidade escolar. O Plano de Pastoral do Colégio Pio XII é a leitura prática das diretrizes expostas nos documentos. Os projetos e as impressões ali contidas indicam algumas possibilidades e alguns desafios a considerar, revelam que o SPE trabalha desenvolvendo diversas atividades para alcançar os objetivos propostos pelos documentos maristas, em consonância com o carisma, mas que, na realidade, o envolvimento e a união de todos os sujeitos na missão, sem exceção, ainda são algo a se conquistar.

No entanto, não há dúvidas de que o jeito marista de fazer educação favoreça a educação integral e humanizadora e sirva de exemplo na definição de uma escola confessional.

A questão que fica, após o estudo aqui apresentado, é a relação entre a teoria dos documentos e a prática no cotidiano escolar. Haveria contradições e incoerências nas ações diárias dos sujeitos do Colégio Marista Pio XII? O Plano de Pastoral do colégio aponta pistas nesse sentido.

É possível levantar a dúvida sobre o pertencimento desses sujeitos ao projeto educativo, uma vez que, mesmo que tenha havido a participação coletiva na construção desse e de outros documentos, para os que não participaram ou vieram a fazer parte depois, o projeto acaba sendo algo que vem de fora para ser executado. Nesse caso, sempre há a possibilidade de resistências, negligências e dificuldade de entendimentos.

Sabemos que nenhuma escola confessional tem o corpo docente e discente pronto para realização da missão idealizada, contraditoriamente, esta é a causa que mantém viva a utopia que move a confessionalidade na instituição. Dessa forma, registramos a possibilidade de um estudo, posterior, voltado para a aplicação dos documentos que compõem o projeto educativo da escola confessional.

Enfim, a confessionalidade na escola, bem estruturada, estudada, definida e compartilhada, pode ser sinal de uma educação básica plena. Por isso, acreditamos na importância do investimento em projetos, propostas e ações pela integração de todos os colaboradores nessa missão, em todos os sentidos.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

ÁGUA DA Rocha: *Espiritualidade Marista Fluindo na Tradição de Marcelino Champagnat*. São Paulo: FTD, 2007.

ALVES, Rubem. In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ALVES, Vicente de Paulo. A Universidade Católica de Brasília: práticas de ensino nas disciplinas de formação humana nas universidades confessionais. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003 apud BORGES, 2008.

ALVIN, Gustavo. Confessionalidade e autonomia universitária. 2. ed. Piracicaba, SP: Unimep, 1995. p.78. apud BORGES, 2008.

BALBINOT, Rodinei. Educação e espiritualidade: fundamentos da escola em pastoral. Xanxerê: News Print Gráfica e Editora Ltda, 2010.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BORGES, Inez Augusto. Confessionalidade e Construção Ética na Universidade. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2008.

\_\_\_\_\_. Educação e personalidade: a dimensão sócio-histórica da educação cristã. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

CAMPANHA DE Fidelização e Captação de Estudantes. Disponível em: <[http://www.propagandars.com.br/noticias\\_abrir.php?ct=1&id=15509](http://www.propagandars.com.br/noticias_abrir.php?ct=1&id=15509)>. Acesso: 10 dez. 2013.

CARDEAL Odilo Pedro Scherer. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/articulistas/cardeal-odilo-pedro-scherer/13350-alegria-do-evangelho>>. Acesso: 10 fev. 2014.

CARNIATTO, Maria Inês. *Nossa Opção Religiosa: 9º ano, professor*. – rev. e ampl. Coleção Ensino Religioso Fundamental. São Paulo: Paulinas, 2010.

CELAM. *Vão e ensinam*. Identidade e Missão da Escola Católica na mudança de época à luz de Aparecida. Tradução de Vitor Hugo Mendes. Bogotá: Ediciones SM, 2011.

CÉSAR, Ely Eser Barreto. Educação no contexto da missão eclesial. In: *Revista da ABIEE: Educação e Missão*, Brasília, 2003.

COMISSÃO Interprovincial de Educação Marista (1995-1998). *Missão Educativa Marista: um projeto para nosso tempo*. Tradução Manoel Alves e Ricardo Tescarolo. 3. ed. São Paulo: SIMAR, 2003.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1991.

CORDEIRO, Darcy. A Formação Inicial de Professores para a Educação Básica: Desafios e Perspectivas para o Ensino Religioso. In: POZZER, Adecir et al (Orgs.). *Diversidade Religiosa e Ensino Religioso no Brasil: memórias, propostas e desafios – Obra comemorativa aos 15 anos do FONAPER*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

GAUDIUMPRESS. DISPONÍVEL em: <<http://www.gaudiumpress.org/content/33919-Livro-sobre-identidade-e-missao-da-escola-catolica-sera-apresentado-na-Colombia#ixzz34iJJSjbX>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

PLANALTO. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 17 out. 2013.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9475.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm)>. Acesso em: 17 out. 2013.

ENSINO Médio Marista conquista a preferência entre líderes gaúchos. Disponível em: <<http://colegiomarista.org.br/ensino-medio-marista-conquista-a-preferencia-entre-lideres-gauchos>>. Acesso: 11 mar. 2014.

FAUSTINO João, Irmão. *Pensamentos de Marcelino Champagnat – Fundador dos Irmãos Maristas*. Porto Alegre: Centro Marista de Comunicação, 1998.

FOWLER, James W. *Estágios da Fé: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FREIRE, Paulo (1921-1997). *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FÜHR, Regina Candida. *Ética em educação: novos paradigmas para nosso tempo*. Curitiba, PR: CRV, 2012.

FURET, João Batista. *Vida de José Bento Marcelino Champagnat, 1789-1840: padre fundador da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria*. São Paulo: Loyola, 1989.

GPER. *Newsletter*, n. 421, ano 9, de 20 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.gper.com.br/newsletter.php?id=348>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Le pèlerin et Le convertí: la religion em movement*. Paris: Flamaron, 1999. p. 260-261. Apud: TEIXEIRA, Faustino. Diálogo Inter-Religioso e Educação para a alteridade. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva et al.

(Orgs.) *Religião Cultura e Educação*. Coleção Humanitas. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro Cesar. O ensino inter-religioso, como fazer? *Revista Mirandum*, Ano VIII - N. 15, 2004. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand15/dora.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

INSTITUTO Caminho do Meio. Disponível em: <<http://institutocaminhodomeio.org.br/sobre-o-instituto-caminho-do-meio/>>. Acesso em: 14 out. 2013.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Estruturas existenciais da confessionalidade na educação. In: *Revista da ABIEE*. Educação e Missão: Brasília, 2003.

KLEIN, Remí. O Ensino Religioso no Brasil sob um olhar do FONAPER: passos e impasses. In: WACHS, Manfredo Carlos et al (Orgs.) *Ensino Religioso: Religiosidades e práticas educativa. VII Simpósio de Ensino Religioso da Faculdades EST e I Seminário Estadual de Ensino Religioso do CONER/RS*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva. Análise de conteúdo: estudo e aplicação. *Logos Revista de Divulgação Científica da Ulbra*, Canoas, RS. v. 5, n. 1, 1993.

MACHADO, Renato Ferreira. Uma pastoral escolar para uma escola em pastoral: projetos, possibilidades e ações na dinamização de uma identidade. In: WACHS, Manfredo Carlos et al (Orgs.) *Ensino Religioso: Religiosidades e práticas educativa. VII Simpósio de Ensino Religioso da Faculdades EST e I Seminário Estadual de Ensino Religioso do CONER/RS*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.

MISSÃO, Visão e Valores que inspiram a atuação marista. Disponível em: <<http://maristas.org.br/institucional/missao-visao-e-valores>>. Acesso: 4 out. 2013.

NASCIMENTO, Amós. Reflexões preliminares sobre educação e confessionalidade. *Revista Educação e Missão*, São Paulo, n.1, 2003.

PAPA (1978-2005: João Paulo II). Carta Encíclica *Fides et Ratio*, n. 48, 1998.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica do Papa Francisco. *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

PLANEJAMENTO Estratégico 2012-2022. Disponível em: <<http://colegiomarista.org.br/pioxii/colegio-lanca-seu-planejamento-estrategico-2012-2022>>. Acesso: 25 nov. 2013.

POZZER, Adecir. Concepção de ensino Religioso no FONAPER. In: POZZER, Adecir et al (Orgs.) *Diversidade Religiosa e Ensino Religioso no Brasil: memórias, propostas e desafios – Obra comemorativa aos 15 anos do FONAPER*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

PROJETO Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a Educação Básica. Brasília: UMBRASIL, 2010.

PROVÍNCIA Marista do Rio Grande do Sul, Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Marista do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CMC, 2011.[]

PUJOL, Josep Maria Escorihuela et al. *O educador marista: sua identidade, seu estilo educativo*. Tradução de Paulo Moretti, 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

REDE Marista de Educação e Solidariedade. Manual de Integração. Recursos Humanos. Porto Alegre. S/d.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://maristas.org.br/institucional> Acesso em: 1 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://maristas.org.br/sobre-a-rede-marista> Acesso em: 2 ago. 2013.

REGIMENTO Escolar. Colégio Marista Pio XII – Novo Hamburgo. Porto Alegre: USBEE, 2011.

SERVIÇO De Pastoral Escolar. Plano Pastoral. Colégio Marista Pio XII, 2014.

STRECK, Danilo R. Educação e argumentos de transcendência. In.: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva et al. (Orgs.) *Religião Cultura e Educação*. Coleção Humanitas. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

WITT, Maria Dirlane, PONICK, Edson (Coords.). *Dinâmicas para o Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

ZAMAGNI, Stefano. A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade. In: *Cadernos IHU Ideias*, ano 11, n. 185. São Leopoldo, 2013.

# ANEXO I - MAPA PARA PERCORRER O PROJETO EDUCATIVO DO BRASIL MARISTA

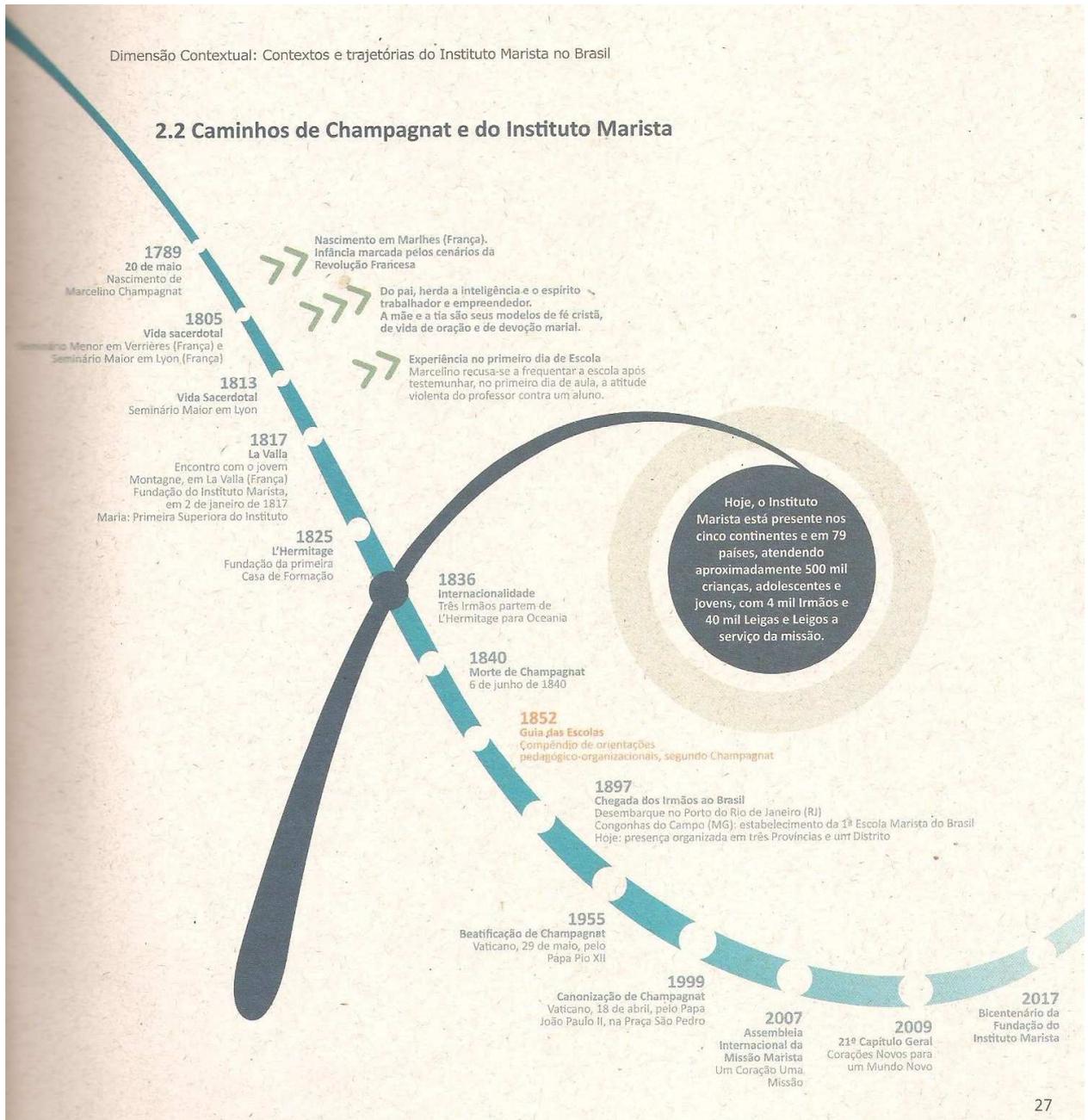
Capítulo 1 – Projeto Educativo Brasil Marista

## 1.4 O mapa para percorrer o Projeto





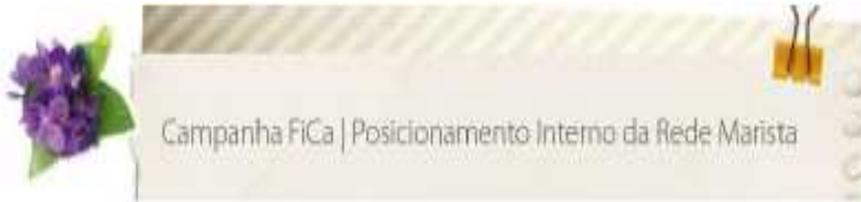
## ANEXO II - CAMINHOS DE CHAMPAGNAT E DO INSTITUTO MARISTA





ANEXO III - CAMPANHA FICA 2014





## MARISTA EM TODOS OS SENTIDOS

(Flávio Brasil)

A  
No modo de **ver**

Em como falar  
F#m7 Bm  
No jeito que entendo o mundo

Na forma de **ouvir**

De silenciar  
E A  
Nos sonhos que sonhamos juntos

A  
No sim e no não

na voz e nas **mãos**  
F#m7 Bm  
na brisa leve ou no vento

O exemplo que sou

Sou inspiração  
E A  
Pelo que dou valor e tempo

-----x-----  
A  
Violetas em flor

**Perfume** de amor  
F#m7 Bm  
Que conta um pouco nossa história

A quem encontrar

Vou tentar deixar  
E A  
Um **gosto** doce na memória

A  
E por onde eu for

levarei em mim  
F#m7 Bm  
um jeito **simples** e humano

**Valores** são cais

Missão, ideais  
E A  
não mudam com os meridianos

D Dm  
SOU MARISTA PRA VIVER  
A F#m7  
PRA SENTIR, OUVIR E VER  
Bm7  
SOU MARISTA  
E7 A A7  
EM TODOS OS SENTIDOS

D Dm  
SOU MARISTA PRA VIVER  
A F#m7  
PRA SENTIR, OUVIR E VER  
Bm7  
SOU MARISTA  
E A A7  
EM TODOS OS SENTIDOS

(D Dm A)